



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

# **Os significados das ações do programa CERTIFIC na atividade laboral: a percepção dos trabalhadores**

SINARA NUNES GUEDES

**BRASÍLIA-DF**  
**2013**

SINARA NUNES GUEDES

**Os significados das ações do programa CERTIFIC na atividade laboral:  
a percepção dos trabalhadores**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Profissional e Tecnológica da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sob Orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Olgamir Francisco de Carvalho.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de  
Brasília. Acervo 1013577.

G924s Guedes, Sinara Nunes.  
Os significados das ações do programa CERTIFIC na  
atividade laboral : a percepção dos trabalhadores /  
Sinara Nunes Guedes. -- 2013.  
xi, 100 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,  
Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em  
educação, 2013.

Inclui bibliografia.

Orientação: Olgamir Francisco de Carvalho.

1. Política pública. 2. Formação profissional. 3. Trabalho.  
I. Carvalho, Olgamir Francisco de. II. Título.

CDU 331.86:377

BRASÍLIA-DF  
2013

**Os significados das ações do programa CERTIFIC na atividade laboral:  
a percepção dos trabalhadores**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Olgamir Francisco de Carvalho  
Orientadora – UnB

---

Prof. Dr. Bernardo Kipnis  
Membro – UnB/FE

---

Prof. Dr. Wilson Conciani  
Membro Externo

---

Prof. Dr. Remi Castioni  
Membro Suplente – UnB/FE

## RESUMO

Pensar a implementação de políticas educacionais supõe, entre outros fatores, identificar quais são os atores beneficiários destas políticas e os significados que eles atribuem a elas. Este estudo visa analisar a percepção do trabalhador sobre os significados das ações do programa CERTIFIC implementado no Instituto Federal de Brasília, campus Samambaia, no perfil construção civil, em sua atividade laboral. Com isso, buscamos entender seu olhar diante do programa. Optamos neste estudo, por uma abordagem quanti-qualitativa, utilizando a análise documental seguida de entrevista semi-estruturada aos alunos do Programa. Os resultados da pesquisa evidenciaram que o Programa CERTIFIC apesar da alta evasão existente atendeu aos trabalhadores que o procuraram. O programa trouxe modificações e acréscimos importantes à vida profissional do trabalhador conferindo-lhes o Certificado como comprovação de suas competências profissionais, além de uma visão ampliada dos conhecimentos que remetem a prática do fazer do trabalho ao qual estão inseridos.

**Palavras-chave:** Política Pública, Certificação, Trabalho.

## ABSTRACT

Thinking about the implementation of educational policies brings an emerging need for research on education and even more the need to identify what are the actors of these policies. This study aims to analyze the perception of workers about the meanings of actions CERTIFIC program on labor activity of the worker. We chose here to use a quantitative and qualitative analysis, using as a tool to semi - structured document analysis then interview the students of the program as a means of identifying the meanings of CERTIFIC program for working life of the employee on campus Fern profile construction to try We conclude that despite the high dropout CERTIFIC program served to workers who sought. The program brought important changes and additions to the working life of the employee giving them the certificate as proof of their professional skills , in addition to an expanded vision of knowledge that refer to the practice of making work to which they belong.

Keywords: Public Policy, Certification, Work.

Ao meu marido Bruno Rafael e minhas filhas Alice e Letícia que me ensinaram o verdadeiro amor porque “sem amor eu nada seria”.

## Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu força e me manteve acordada sempre que foi necessário e me aliviou o fardo nos momentos em que achei que não conseguiria mais.

Agradeço à minha orientadora, Professora Dra. Olgamir Francisco de Carvalho, que nesse processo, além de me guiar, foi uma mãe quando eu precisei ser incentivada e nos momentos em que necessitei de compreensão por não conseguir cumprir com os prazos.

Agradeço a meu marido Bruno Rafael que com seu amor, companheirismo e conhecimento me ajudou nessa empreitada que somente nós sabemos o quanto foi difícil. Por dedicar horas de seu dia para cuidar de nossas filhas, por ir comigo à Universidade quando eu precisava amamentar nossa filha. Por dar atenção às crianças nos horários em que eu precisava estudar e por entender minha necessidade de apoio em todo esse tempo que estamos juntos.

Às minhas filhas, que só por existirem me dão forças todos os dias para enfrentar os “leões”.

Agradeço à minha família, que me ajudou na atenção às crianças, quando precisei de suporte, nos muitos momentos em que não pude estar presente.

Agradeço as várias pessoas que me ajudaram direta e indiretamente nesta pesquisa, como a Mariângela Póvoas, que me recebeu em seu trabalho e me ajudou com vasta bibliografia a respeito do tema abordado, com carinho e predisposição em contribuir.

Agradeço ao meu sogro José Antônio Guimarães por sua atenção em dispor de seu tempo para ler este trabalho e acrescentar considerações pertinentes.

Agradeço ao IFB por me liberar carga horária para que eu pudesse me dedicar ao trabalho e por abrir seus históricos para a indispensável pesquisa.



Agradeço aos meus colegas do IFB que me ajudaram a acessar o material necessário para a análise documental e facilitaram o contato com os entrevistados.

Por fim, agradeço aos participantes desta pesquisa que foram solícitos e receptivos às perguntas, recebendo-me com atenção e dividindo comigo um pouco de seus conhecimentos.

*“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.  
Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós  
ignoramos alguma coisa. Por isso  
aprendemos sempre”.*

Paulo Freire

## LISTA DE SIGLAS

CEFET	- Centro Federal de Educação Tecnológica
CERTIFIC	- Certificação Profissional e Formação Inicial e Tecnológica
CNE	- Conselho Nacional de Educação
EPT	- Educação Profissional e Tecnológica
IFB	- Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Brasília
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	- Ministério da Educação
MTE	- Ministério do Trabalho e Emprego
PISA	- Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PROEJA	- Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos
FIC	- Curso de Formação Inicial e Continuada
SEPTE	- Secretaria de Políticas de Trabalho e Emprego
SETEC	- Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I - O CONTEXTO ATUAL DO MUNDO DO TRABALHO .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 O TRABALHO COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO HUMANA .....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E TRABALHO .....</b>	<b>14</b>
<b>1.3 A QUESTÃO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: OS CONCEITOS DE QUALIFICAÇÃO E COMPETENCIAS.....</b>	<b>18</b>
<b>1.4 SABERES PRODUZIDOS NO TRABALHO.....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO II- A CERTIFICAÇÃO COMO POLITICA PUBLICA .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 O CERTIFIC SOB O OLHAR DO ESTADO .....</b>	<b>24</b>
<b>2.2 A REDE NACIONAL DE CERTIFICAÇÃO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA – REDE CERTIFIC .....</b>	<b>25</b>
<b>2.3 BASE LEGAL PARA IMPLANTAÇÃO DO CERTIFIC .....</b>	<b>30</b>
<b>2.4 A IMPORTANCIA DO CERTIFIC.....</b>	<b>31</b>
<b>CAPÍTULO - III CAMINHO METODOLÓGICO .....</b>	<b>34</b>
<b>3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....</b>	<b>34</b>
<b>3.2 LÓCUS DA PESQUISA .....</b>	<b>34</b>
<b>3.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....</b>	<b>35</b>
<b>3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....</b>	<b>36</b>
<b>3.4.1 ANÁLISE DOCUMENTAL .....</b>	<b>36</b>
<b>3.4.2 ENTREVISTA.....</b>	<b>38</b>
<b>CAPÍTULO - IV DISCUTINDO OS DADOS.....</b>	<b>43</b>
<b>4.1 O PROGRAMA CERTIFIC E O IFB CAMPUS SAMAMBAIA.....</b>	<b>43</b>
<b>4.2 ANALISANDO O PERFIL .....</b>	<b>46</b>
<b>4.3 APRESENTANDO NOSSOS ENTREVISTADOS.....</b>	<b>52</b>
<b>4.4 A CONVERSA COM NOSSOS ENTREVISTADOS .....</b>	<b>57</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>73</b>

<b>ANEXO 1.....</b>	<b>76</b>
<b>APENDICE1 .....</b>	<b>82</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>83</b>
<b>FIGURA 1.....</b>	<b>39</b>
<b>FIGURA 2.....</b>	<b>41</b>
<b>FIGURA 3.....</b>	<b>44</b>
<b>FIGURA 4.....</b>	<b>45</b>
<b>TABELA1 .....</b>	<b>43</b>
<b>TABELA 2.....</b>	<b>62</b>

## INTRODUÇÃO

O tema certificação profissional tem sido bastante discutido em várias instâncias da educação e fora dela. Percebe-se uma grande demanda da sociedade por respostas concretas que realmente atendam a esta população que necessita de se qualificar e se certificar para enfrentar o mercado de trabalho que, com o passar dos tempos, está cada vez mais exigente e excludente. Assim, destaca-se a necessidade de um estudo aprofundado a respeito da certificação profissional, mais especificamente do programa CERTIFIC e dos trabalhadores alunos<sup>1</sup> que estão ou estiveram no processo de certificação deste programa. Pensar a certificação profissional no Distrito Federal, no âmbito da rede federal, é algo recente e evidencia a quase inexistência de uma cultura de cursos técnicos gratuitos como acontecem em outros Estados onde a existência da Rede é centenária. A dificuldade de chegar a essas pessoas se expressa na falta de conhecimento da população sobre os programas que estão dentro da Rede Federal e da própria Rede e acaba sendo vista com certa desconfiança pelos que a procuram inicialmente.

A visão do trabalhador diante deste tipo de programa se torna um ponto importante do estudo, pois a melhor avaliação que podemos fazer do programa é verificar se realmente ele atendeu ao que se propôs e se na atividade laboral do aluno fez alguma diferença, aumentou seu empoderamento diante de sua atividade laboral ou foi somente mais uma atividade dentro da escola que o excluiu e não acrescentou em sua vida laboral.

A necessidade de entender o trabalho real desempenhado por esse trabalhador e analisá-lo na perspectiva de certificá-lo nos remete a importância do fazer desse cidadão levando em consideração suas competências e suas técnicas no que diz respeito a sua atividade laboral.

É preciso entender, inicialmente, que não lidamos com alunos trabalhadores, mas com trabalhadores alunos, que em geral inserem-se no mercado de trabalho muito cedo, enfrentam situações precárias de condições de trabalho e baixos salários e que colocam o trabalho antes da escola por necessidade de sobrevivência.

E essa especificidade faz com que seja preciso rever toda a metodologia utilizada para recebimento e acolhimento deste aluno nas escolas que trabalham com certificação profissional. Não há como tratá-lo como um aluno comum do período diurno em fase

<sup>1</sup> Neste trabalho usaremos o termo trabalhador aluno e não aluno trabalhador, por entendermos que antes de ser aluno nesse programa ele é um trabalhador que traz um arcabouço rico de informações e aprendizados do mundo do trabalho que precisa ser levado em consideração na organização da escola.

normal de alfabetização, mas propiciar plenas condições de recebimento desse aluno na escola e manutenção de sua assiduidade para que possa atingir seus objetivos.

Diante disso o presente estudo tenta fazer um debate a respeito da importância da certificação na vida do trabalhador em um olhar do próprio trabalhador avaliando sua permanência no IFB e se de fato o CERTIFIC é uma boa resposta ao questionamento da população que necessita dessa educação gratuita, de qualidade e que atenda aos anseios do mundo do trabalho.

Esperamos com este estudo trazer contribuições ao debate da certificação profissional trazendo um olhar local para tentar identificar os significados do programa CERTIFIC para a vida laboral do trabalhador através do seguinte questionamento: **Qual a percepção dos trabalhadores sobre a relação entre as ações do Programa CERTIFIC e a sua atividade laboral?**

Este estudo será delimitado ao Programa CERTIFIC do campus Samambaia, no perfil de construção civil.

Essa pesquisa se torna importante quando no momento do processo de certificação profissional possam ser levantados diversos fatores que podem ser estudados para o entendimento do programa e suas ações em uma comunidade local que carece de políticas públicas como o CERTIFIC para qualificação profissional e também elevação da escolaridade. E perceber esse programa na visão dos trabalhadores é uma das formas de avaliar a necessidade ou não de adequação ao público a que se destina. De acordo com PEREIRA, 2011 “a necessidade de elevação dos índices de permanência na escola pelo público da Educação de Jovens e Adultos tem se constituído num grande desafio para educadores, gestores, pesquisadores e formuladores de políticas públicas”.

## **DOS OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral:**

Analisar a percepção do trabalhador sobre os significados das ações do programa CERTIFIC em sua atividade laboral.

**Objetivos Específicos:**

- Identificar e explicitar o perfil dos trabalhadores que participaram do programa CERTIFIC no que diz respeito à atividade laboral;
- Identificar as expectativas do trabalhador quanto ao programa;
- Identificar as ações desenvolvidas pelo trabalhador no programa;
- Relacionar o significado atribuído à cada atividade desenvolvida e sua influência na atividade laboral;
- Identificar a percepção do trabalhador sobre a importância da certificação.

Com base nos objetivos estabelecidos, este trabalho está estruturado em 5 capítulos, assim distribuídos:

No primeiro capítulo deste trabalho foi apresentado uma visão geral do mundo do trabalho e sua relação com a educação com enfoque na formação profissional e o saberes produzidos no trabalho.

O segundo capítulo contextualizou a certificação profissional e trouxe a importância para o trabalhador que vê a necessidade de voltar aos bancos de escola para se certificar, apresentando o programa CERTIFIC como parte de uma política pública de certificação de trabalhadores.

O terceiro capítulo foi apresentado o caminho metodológico escolhido para esta pesquisa.

No quarto capítulo foi discutidos resultados obtidos pela pesquisa, tendo em vista os objetivos propostos.

Por fim, foram apresentadas as considerações finais, seguidas de recomendações para o prosseguimento dos estudos.



## CAPÍTULO I

### **O contexto atual do mundo do trabalho**

#### **1.1 O trabalho como ferramenta de transformação humana.**

Como nessa pesquisa o foco principal é a percepção do trabalhador frente ao programa CERTIFIC e este nos remete a avaliação e certificação de competências adquiridas ao longo da vida no que se refere a sua atividade laboral, necessitamos de um olhar mais aprofundado sobre o mundo do trabalho.

Para isso, inicialmente, é necessário que entendamos a diferença entre trabalho e emprego, pois segundo Abraão, et.al. (2009), “todos nós sabemos alguma coisa sobre trabalho por experiência própria, ou por intermédio de outras pessoas”, mas não sabemos diferenciar os dois termos, camuflando muitas vezes a necessidade de estudo aprofundado sobre as relações de trabalho que permeiam o ser humano.

Diante disso, perceber a diferença entre trabalho e emprego em um primeiro momento é difícil, pois parecem ser a mesma coisa, mas em uma busca ao dicionário percebemos o quanto são palavras que, apesar de se referirem basicamente ao ato de produzir, são palavras que diferem completamente em seu contexto.

A definição de trabalho, segundo Ferreira (2010), é a “aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim” e é ainda “Atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento”. Aqui percebemos o caráter generalista que o trabalho tem na vida das pessoas, o quanto interfere na posição em que uma pessoa se coloca na sociedade e o quanto diz a respeito dessa pessoa.

Emprego, ainda segundo Ferreira (2010), é “cargo ou ocupação em serviço particular, público, etc; colocação”. Nesta definição percebemos que emprego tem um sentido mais restritivo, mais objetivo, mais sintético da ação que a pessoa executará em seu posto.

Agora, diante da importante diferenciação dos termos, podemos observar as várias mudanças que o trabalho vem sofrendo ao longo da história e percebemos que o trabalho tem sido confundido muitas vezes com emprego. Como afirma Frigotto (2010), o trabalho “é um processo que permeia todo o ser do homem e constitui a sua especificidade”, não podendo ser reduzida a “atividade laborativa ou emprego”.

Diante disso, percebemos o quanto o trabalho é necessário para a vida do ser humano e o quanto suas experiências são pautadas na importância que o trabalho tem em sua vida.

É a partir desta elementar constatação que percebemos a centralidade do trabalho como práxis que possibilita criar e recriar, não apenas no plano econômico, mas no âmbito da arte e da cultura, linguagem e símbolos, o mundo humano como resposta às suas múltiplas e históricas necessidades (FRIGOTTO, 2010).

Essas necessidades são muitas vezes impostas pelo mercado de trabalho que exige qualificações mínimas para preencher o posto de trabalho não sendo mais uma realidade local como afirma Dowbor (1997) “O planeta encolheu de maneira impressionante”; com estas palavras ele exemplifica como a globalização interfere na vida das pessoas no sentido da aproximação das relações e do conhecimento, o que gera uma rápida apropriação e a cobrança desse conhecimento. A cada dia as pessoas são mais pressionadas para acompanhar a tecnologia e suas vertentes em uma rapidez antes inimaginável e que agora se torna comum e rotineira. É o que Dowbor (1997) chama de “Revolução Tecnológica”, “onde nos últimos vinte anos, acumularam-se mais conhecimentos tecnológicos do que em toda a história da humanidade”. O que antes levava anos e talvez décadas para ser alterado ou modificado agora é revisto e reinventado em questão de meses, o que faz do trabalho um ambiente de constantes mudanças e adequações.

Com isso, o trabalhador precisa estar em constante processo de qualificação. Frigotto (2010) traz em suas palavras o contexto do mundo do trabalho atual quando diz “O capital detém como propriedade privada, de forma crescente, os meios e os instrumentos de produção. A classe trabalhadora detém apenas sua força de trabalho para vender” e a partir disso precisa se qualificar e se requalificar para não ser retirada do mercado. Tudo

isso torna o ato de aprender o trabalho uma tarefa árdua e difícil, o que pode afastar o trabalhador do mercado.

Corroborando o tema e inserindo a escola como parte do processo, temos Kuenzer (2003) que nos traz a reflexão:

A globalização da economia e a reestruturação produtiva derrubam as fronteiras também no campo da ciência, construindo-se áreas transdisciplinares em face da problemática do mundo contemporâneo; este tratamento precisará ser dado aos conteúdos, derrubando-se as clássicas divisões entre disciplinas, para compor novos arranjos de conteúdos das várias áreas do conhecimento, articulados por eixos temáticos definidos pela práxis social e pelas peculiaridades de cada processo produtivo na formação profissional (KUENZER,2003).

Essa afirmação mostra a necessidade de adequação da escola no sentido de atender ao público de jovens e adultos trabalhadores tornando-se mais atuante no que diz respeito à sua atividade laboral.

Frigotto (2010) ainda afirma “É crescente o desemprego estrutural e a perda de direitos dos trabalhadores. Na relação desigual entre países centrais e periféricos, os últimos pagam o preço de perda de sua soberania e estabilidades”. Percebemos com estas palavras que o trabalhador tem pago um alto preço para se manter atualizado e certificado para atender um mercado cada vez mais exigente. Um exemplo disso é a contratação de funcionários por multinacionais que se instalam em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, pagando salários baixos, importando matéria-prima barata de outros países e montando os produtos no intuito de baixar custos. Desta forma, aumentam os lucros utilizando mão de obra barata em países com leis brandas no que se refere aos direitos dos trabalhadores.

Nisso pesa a falta de qualificação e formação profissional de trabalhadores que se apegam a esses trabalhos por falta de oportunidade e conhecimento, uma vez que a maioria das pessoas é qualificada no próprio posto de trabalho.

E se não bastasse toda essa corrida pelo conhecimento que pode manter o trabalhador em seu posto ou fazer com que seja promovido, temos ainda o que Frigotto (2010) chama

de “desemprego estrutural” onde os setores produtivos cobram mais produtividade com cada vez menos trabalhadores e também incorporam mais tecnologia, o que diminui ainda mais as chances de inserção e manutenção no mercado de trabalho. Daí a importância da escola nesse processo, pois qualifica de forma sistematizada o trabalhador e, além disso, o certifica para comprovação de seu saber, facilitando sua inserção no mundo do trabalho.

## **1.2 A relação entre a educação e o trabalho**

A educação tem assumido, ao longo do tempo, o papel de formar o cidadão para o mercado de trabalho e, por meio da certificação, de informar em qual nível de trabalho ele será colocado quando se inserir nesse mercado.

Os dados demonstram, com clareza, que mesmo sem acumular tempo de serviço com um empregador, a força de trabalho com instrução média e superior tem não somente um salário inicial maior como também maior oportunidade de progresso profissional e salarial, ao passo que a força de trabalho pouco instruída, tem remuneração muito baixa e pouca oportunidade para progresso profissional e salarial (CARVALHO, 2003).

Carvalho (2003) em sua pesquisa nos informa a relação direta do grau instrução com a posição que o trabalhador vai ocupar no mundo do trabalho e as inferências desta posição. Na relação entre educação e trabalho a educação acaba sendo cobrada por um alto preço quando tem a obrigação de formar para o trabalho. O mesmo se dá quando o trabalho, segundo Frigotto (2010), tem a função de prover a subsistência, provendo respostas para as necessidades básicas que são comuns a todos os seres humanos, inserindo a escola como sujeito essencial na sociedade. Corroborando o tema, Frigotto (2010) ainda afirma que o trabalho é dever e direito, pois todos precisam colaborar para a produção dos bens, uma vez que é dele que os seres humanos tiram os meios de transformar os bens para sua produção e reprodução.

Nessa perspectiva, a importância da educação no trabalho se reflete no fato de que existe uma “...vinculação entre nível de escolaridade e permanência no emprego” CARVALHO (2003), e isso é inevitável quando a escola assume o papel de também preparar para o trabalho mediante a educação profissional com suas políticas e seus programas.

Ao mesmo tempo, a tendência de universalização de um conjunto de técnicas básicas entre indústrias de ramos diferentes foi gerando na população a necessidade de dominar uma certa quantidade de conhecimentos e destrezas para desenvolver-se em qualquer trabalho ou fora dele, em uma sociedade que se industrializava e se urbanizava. A aprendizagem, portanto, já não podia ocorrer diretamente ou, exclusivamente, no próprio local de trabalho, voltando-se às escolas que, aos poucos, passaram a assumir o papel não só de socialização, mas também de transmissão do saber técnico (RAMOS, 2006)

Nessa lógica, historicamente a escola buscou compensar essa formação para o trabalho, o que nem sempre conseguiu, diante da rapidez com que a informação se processa no âmbito do trabalho, o que não necessariamente a escola pode e quer acompanhar.

E a educação profissional brasileira vem tentando atender à demanda de suprir o mercado e de também formar um cidadão crítico, emancipado. De acordo com Resolução nº6 de 20 de setembro de 2012 em seu art 5º “Os cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio têm por finalidade proporcionar ao estudante conhecimentos, saberes e competências profissionais necessários ao exercício profissional e da cidadania, com base nos fundamentos científico-tecnológicos, socio-históricos e culturais” capazes de questionar, modificar e transformar seu campo de atuação o que corrobora Ciavatta (2010) quando diz:

Este é o sentido da história da formação profissional no Brasil, uma luta política permanente entre duas alternativas: a implementação do assistencialismo e da aprendizagem operacional *versus* a proposta da introdução

dos fundamentos da técnica e das tecnologias, o preparo intelectual (CIAVATTA, 2010).

Em situações assim, existem políticas assistencialistas que em alguns momentos precisam decidir entre a qualificação e certificação destas pessoas e o atendimento ao mais básico como a alimentação por exemplo, não atrelando os programas de forma a qualificar as pessoas para o trabalho e assim torná-las independentes como afirma Frigotto, 2010:

Os países ‘tem atacado pelos efeitos’, onde instauram-se políticas focalizadas de inserção social precária. Estas tem sido as políticas mais comuns dos países periféricos apoiadas pelos organismos que são os guardiões dos grupos econômicos dos países centrais. As políticas de formação profissional que vêm se assumindo no Brasil desde a década de 1990 enquadram-se como parte deste cenário (FRIGOTTO, 2010).

Nessa perspectiva, FRIGOTTO et. al. (2010) chama a atenção para a “... necessidade de as políticas públicas de formação profissional superarem o viés assistencialista/compensatório e promover a inclusão social” de fato, para romper com o histórico da educação profissional e oferecer uma educação verdadeiramente inclusiva com qualidade.

Historicamente, a educação profissional teve o papel de ser a educação para o trabalho e que, segundo Ciavatta (2010) atenderia aos órfãos e aos desamparados, enquanto a educação geral era reservada para as elites no intuito de oferecer uma educação para acesso às universidades e a educação profissional atendia à demanda do mercado por mão de obra qualificada. Segundo nos afirma Ramos (2006):

A classificação dos processos de preparação da força de trabalho é característica do modelo taylorista-fordista de organização da produção no que se refere ao modo de organizar o ensino, seja por via formal e escolar (pela qual se deu, principalmente a formação do técnico), seja por ações diretas das empresas, realizadas normalmente por seus centros de formação (onde se deu a formação dos

operários qualificados). Tendo em vista o modo de organização do trabalho a categoria qualificação parece ter tomado vários sentidos (RAMOS, 2006).

Nessa ótica, a educação para o trabalho precisa ser mais aberta às novas tecnologias, às novas formas de qualificação e certificação desses trabalhadores que buscam a escola na esperança de se inserirem no mercado e na possibilidade de crescimento profissional. Nessa perspectiva percebemos um retorno do adulto aos bancos de escola e também dos jovens procurando inserção no mercado de trabalho, daí a "... necessidade de esses cursos articularem-se com a modalidade de educação de jovens e adultos." FRIGOTTO et. al. (2010). Para atender essa demanda nesse contexto, a escola não lida com estudante-trabalhador, mas com trabalhador-aluno com todas as suas especificidades para conseguir, por exemplo, frequentar a escola.

Diante disso, não podemos deixar de lado a questão dos saberes adquiridos durante a vida desse trabalhador, o que não pode ser ignorado nesse processo, pois isso faz de sua busca por conhecimento ser mais tranqüila, e porque não dizer mais rápida, para que possa atender às suas expectativas. Daí entendemos que a atividade laboral não pode ser entendida "no sentido estrito, mas também, as condições de vida do trabalhador, com os seus vínculos políticos e culturais" (CIAVATTA, 2010).

Mas Ramos (2006) nos traz uma informação importante quando diz: "Simultaneamente, observa-se que a alteração na natureza qualitativa do trabalho impulsiona uma maior qualificação, mas gera também, um certo grau de desqualificação dos trabalhadores", pois isso impulsiona o trabalhador a buscar exaustivamente qualificações de forma a aumentar sua competitividade no mercado em que sobressai quem tem mais competência. E nesse momento ficar à parte é muito fácil e problemático, porque muitas vezes o obstáculo não é falta de qualificação necessária, mas o momento em que essa qualificação acontece é que acaba decidindo os rumos da vida profissional desse cidadão.

Carvalho (2013) sintetiza claramente o contexto da educação no que se refere à transformação da sociedade em que vivemos

O que pretendemos é assumir a centralidade que a educação tem tido no debate atual, a partir das novas

condições que se apresentam, incorporá-la como elemento central não apenas do debate dos educadores e dos especialistas dos diferentes setores, mas torná-la pauta efetiva de luta de todos os trabalhadores, que concebem a educação como prática social transformadora (CARVALHO, 2003).

Percebemos nessas palavras que a escola é um ambiente social de informação e aprendizagem e que assume a responsabilidade de formar pessoas para o mundo não só do trabalho, mas para a vida em sociedade e que, como casa de educação, necessita ser atualizada e reformulada sempre que houver necessidade para que seja atraente para quem a busca. Não só para o aluno na idade regular, mas para as pessoas que a buscam depois de terem trilhado outros caminhos por várias situações de sua vida e que retornam à escola buscando essa educação que, até mesmo por lei precisa ser de qualidade.

### **1.3 A questão da formação profissional: os conceitos de qualificação e competência.**

Kuenzer (2003) nos remete a uma definição de competência de forma significativa quando diz que competência é:

A capacidade de agir, em situações previstas e não previstas, com rapidez e eficiência, articulando conhecimentos tácitos e científicos a experiências de vida e laborais vivenciadas ao longo das histórias de vida... vinculadas à ideia de solucionar problemas, mobilizando conhecimentos de forma transdisciplinar a comportamentos e habilidades psicofísicas, e transferindo-os para novas situações; supõe, portanto, a capacidade de atuar mobilizando conhecimentos (KUENZER,2003).

Imaginar como o trabalhador irá agir em várias situações distintas parece ser difícil, pois mobilizar tantos elementos na vida profissional de uma pessoa requer habilidades que muitas vezes ela não está preparada para lidar. Isso confere uma sensação muitas



vezes de fracasso diante da qualificação que precisa ser renovada de tempos em tempos e que, com o advento de tantas tecnologias, parece ser mais complicado acompanhar.

Pensar a formação profissional na expectativa de melhorar o salário e no alcance de receber o justo pelo trabalho é uma discussão ideológica, segundo Frigotto (2010), “A educação, mediante as noções de capital humano, sociedade do conhecimento e pedagogia das competências para a empregabilidade, tem sido utilizada em contextos históricos diferentes, como suportes ideológicos desta dissimulação”.

No Brasil, a certificação de competências foi instituída pelo Decreto n. 2.208/97, com finalidades mais voltadas para o sistema educacional do que para as relações de trabalho. Ramos (2002) observa que a determinação, nesse sentido, exigia que os sistemas federal e estaduais de ensino implementassem, por meio de exames, a certificação de competências, o que possibilitaria tanto a dispensa de disciplinas e módulos em cursos de habilitação do ensino técnico quanto a equivalência entre o conjunto de certificados de competência e respectivas disciplinas e/ou módulos que integram uma habilitação, conferindo o diploma correspondente.

Moraes e Neto (2005) trazem uma discussão interessante a respeito da certificação profissional em que “uma política de certificação profissional expressa, necessariamente, determinada concepção de educação e de formação profissional, a qual, por sua vez, informa a organização do ensino, no país, e condiciona sua relação com o trabalho e a economia”. Percebemos então que o momento histórico vai interferir decisivamente na forma como a certificação profissional será tratada.

O mercado tem mudado seus perfis de qualificação profissional dos trabalhadores segundo Moraes e Neto (2005), e diante disso a discussão da avaliação por competências tem criado um novo significado ideológico na tentativa de fugir do paradigma taylorista e formar não só para aquele posto específico, mas ampliar seus conhecimentos para que possa também transformar, modificar, adaptar esse posto de trabalho de modo a que possa produzir com mais eficácia. Moraes e Neto (2005) ainda contextualiza a formação por competências quando afirma que, “o processo de globalização econômica/financeira e as grandes inovações tecnológicas e organizacionais introduzidas no trabalho têm promovido mudanças nos perfis de qualificação profissional dos trabalhadores e incidido sobre sua educação/formação”.

Na verdade o que precisamos assimilar é que “independentemente da terminologia a ser utilizada – competências ou qualificação – o que importa politicamente é atribuir-lhe um conteúdo que responda a necessidades/interesses dos trabalhadores” MORAES E NETO (2005) e aí acreditamos estar a centralidade do pensamento no que se refere à certificação profissional, pois o analfabeto funcional já não tem mais espaço no mercado e quando procura por certificação está procurando essencialmente por respostas às demandas do mercado, e isso depende de uma política de Estado eficaz.

O trabalhador nesse momento está em posição de “usuário” como afirma Zarifian citado por Kuenzer (2003) “... com o conhecimento incorporado ao processo de trabalho como produto do conhecimento de outros, com o qual ele interage nos limites prescritos pelo produtor; não pode mudar as configurações para produzir aquilo que não foi inicialmente previsto”. Entender a máquina passa a ser necessário, pois somente decorar o passo a passo já não atende às expectativas de quem emprega.

E nesse processo, nós trabalhadores criamos categorizações no que diz respeito ao “usuário” das ferramentas do conhecimento.

Os operadores e técnicos se relacionam com os diferentes sistemas informatizados como usuário; qualquer intervenção nestes sistemas, para manutenção ou para desenvolvimento, exige a presença dos especialistas. E conclui: logo esta competência é competência de uso das novas tecnologias de informação, que não precisa do que há de fundamental na profissionalização da ocupação, salvo os especialistas (KUENZER, 2003).

Agora existe a necessidade do especialista para “desvendar” os segredos das máquinas que estão sendo usadas e essas tecnologias só pertencem aos especialistas.

Do ponto de vista da Pedagogia, isto significa substituir a centralidade dos conteúdos, compreendidos enquanto produtos do conhecimento humano, pela centralidade da relação processo/produto, ou seja, conteúdo/método, uma vez que não basta apenas conhecer o produto, mas principalmente apreender e dominar os processos de produção (KUENZER, 2003).

No debate de teoria versus prática Kuenzer (2003) afirma que

A teoria corresponde a uma interpretação possível da realidade, em um dado tempo e em um dado espaço; assim, será sempre parcial, revelando e escondendo ao mesmo tempo. Já a realidade é complexa, síntese de múltiplas determinações que não se deixa conhecer em sua plenitude pelo pensamento humano, sempre parcial e determinado pelo desenvolvimento histórico das forças produtivas (KUENZER, 2003).

#### **1.4 Saberes produzidos no trabalho.**

Os saberes são produzidos independentes da escola e o trabalho na vida do cidadão é onde mais internaliza esses conhecimentos. No trabalho é possível criar e recriar as diversas formas de ação mesmo em uma função braçal e repetitiva.

Um exemplo é um pedreiro, que dificilmente aprendeu sua função na escola. Geralmente começa como servente de pedreiro fazendo as tarefas menos complexas e segue aprendendo o ofício. Com o tempo e assimilando das competências necessárias, passa a trabalhar como pedreiro.

A forma de trabalho é desenvolvida ao longo do processo, é mudada sempre que necessário e isso não quer dizer seguir um manual pré-estabelecido. É o que Schwartz e Durrive (2010), chamam de trabalho real.

A relação entre o homem e o conhecimento é antes construção de significados do que de construção de conhecimentos, posto que eles resultam de um processo de produção coletiva que se dá por todos os homens ao longo da história (KUENZER,2003).

Pode-se inicialmente atender alguma norma, mas essa ação será modificada sempre que o trabalhador entender necessário. Esses trabalhadores “reorganizam permanentemente seu posto de trabalho” (SCHWARTZ E DURRIVE, 2010).

Kuenzer (2003) corrobora com Schwartz e Durrive dizendo: “Não há como, portanto, propiciar este movimento senão através da atividade teórica, não separada da

prática, mas que a toma como referência”. É assim que o conhecimento teórico acha espaço de atuação dentro da atividade laboral do trabalhador.

Schwartz e Durrive (2010), em seu livro “Trabalho e Ergologia: conversas sobre atividade humana” levanta o exemplo da operadora de caixa e diz que “não existem duas operadoras que adotem a mesma posição e nenhuma delas respeita a disposição prevista”. Isso nos leva a interpretar que independentemente do posto, o que precisamos tentar entender é como esse trabalhador vai agir e se posicionar em relação ao seu trabalho, “existe portanto, toda uma aprendizagem do olhar, da atenção e do interesse”, segundo SCHWARTZ, DURRIVE (2010).

A Ergologia segundo Schwartz e Durrive (2010), “constitui-se em um projeto de melhor conhecer e, sobretudo, de melhor intervir sobre as situações de trabalho para transformá-las”. Diante desse conceito trataremos a questão das competências necessárias para o trabalhador atuar.

É preciso considerar que a prática não fala por si mesma, os fatos práticos, ou fenômenos, têm que ser identificados, contados, analisados, interpretados, já que a realidade não se deixa revelar através da observação imediata; é preciso ver além do imediatismo para compreender as relações entre parte e totalidade, as finalidades, que não se deixam conhecer no primeiro momento, quando se percebem apenas os fatos superficiais, aparentes, que ainda não se constituem em conhecimento (KUENZER, 2003).

Schwartz e Durrive (2010) em seu livro enumeram quatro características da atividade humana em relação ao trabalho que vem a ser:

- Existe sempre uma distância (entre o trabalho prescrito e o realizado): nem sempre o manual será seguido à risca, sempre haverá mudanças e adaptações ao trabalho.

- Esta distância é sempre ressingularizada: não há como prever a distância de tempo em que esse trabalho será modificado.

- A entidade que conduz e que arbitra essa distância é uma entidade simultaneamente alma e corpo, como dizia a filosofia: ao mesmo tempo em que existe uma irracionalidade prática na mudança do trabalho por adaptações - que para aquele trabalhador tem sentido - existe também a racionalidade em adaptar por perceber a redução do tempo da ação.

- A arbitragem mobiliza um complexo de valores – o trabalho é sempre encontro de valores: é o momento das escolhas pessoais na adequação da atividade e acredita-se ser aí que o CERTIFIC tem sua melhor sustentação devido ao fato da necessidade de avaliar esse trabalhador em seu local de trabalho (no caso o canteiro de obras). E olhar com olhos de atenção e interesse pelo trabalho do outro exige “uma aprendizagem do olhar” segundo Schwartz e Durrive (2010), para entender seu trabalho e avaliá-lo diante de sua atividade não em preconceitos estabelecidos por terceiros.

Kuenzer (2003) sintetiza muito bem como o saber do trabalhador é importante: “O ponto de partida, portanto, é sempre o que é conhecido, sem o que não é possível construir novos significados”; esse conhecimento é que precisa ser aproveitado para que o trabalhador encontre significância na volta à escola, buscando agora não só a certificação do que ele já sabe, mas aprender novas tecnologias, novas formas de fazer, novos diálogos com o mundo do trabalho.

## CAPÍTULO II

### A Certificação como política pública

#### 2.1 O CERTIFIC sob o olhar do Estado.

Fazer uma política pública entrar na agenda do governo não é tarefa fácil, visto a quantidade de demandas do país. Os vários atores que cercam esses interesses também têm um papel fundamental e praticamente decisivo no processo.

As políticas públicas têm como função buscar soluções para os problemas e conflitos, mas quando se trata de educação profissional e tecnológica percebe-se um emaranhado de interesses que provavelmente dificultarão as respostas aos problemas causados pela falta de uma qualificação profissional efetiva.

Isso coloca, em evidência, aquele que constitui o traço mais visível da sociedade atual, a incerteza, tanto em termos das trajetórias individuais quanto sociais, prenuncia e reafirma concretamente, a necessidade de uma disputa ético-política nesse campo, exigindo a democratização no acesso à educação básica e, nela incluída, a educação profissional. (CARVALHO, 2003)

Todas as demandas que surgiram com os grandes eventos propostos para o Brasil nesse período são um exemplo. Existe a necessidade de mão de obra qualificada, mas os empregadores querem dividir o ônus (financeiro, de tempo, etc) com o governo e diante disso o governo acrescenta em sua agenda a necessidade de qualificar os trabalhadores para que possam ter acesso a esse momento de oferta de emprego, mesmo que esta seja temporária.

Não podemos deixar de levar em consideração que "a qualificação, como toda a relação social, apresenta-se como espaço de conflito, de disputa entre sujeitos sociais portadores de interesses diferenciados" MORAES & NETO (2005), e que nesse processo a visão do trabalhador muitas vezes é deixada de lado em detrimento do mercado que exige um profissional altamente qualificado muitas vezes sem querer interferir em sua

formação, deixando a cargo do próprio trabalhador a obrigação por sua qualificação. Talvez esteja aí a dificuldade muitas vezes de sua inserção no mercado de trabalho, pois não tem acesso a informações sobre cursos e certificações que poderiam levá-lo ao mercado novamente.

Percebemos isso no caso específico do Instituto Federal de Brasília, que está situado em uma região onde não há tradição em cursos técnicos, nem no conhecimento da Rede Federal, o que torna o acesso difícil, pois não há uma política efetiva de divulgação da marca e do trabalho deste Instituto para a sociedade de Brasília provavelmente por ser muito recente no Distrito Federal.

## **2.2 A Rede Nacional de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada – Rede CERTIFIC**

Desde a implantação do CERTIFIC (Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada) através da Portaria Interministerial nº 1.082 de 20 de novembro de 2009 o Instituto Federal de Brasília – IFB tem buscado formas de atuação e elaboração de uma certificação que atenda às demandas da população para que se torne realmente um programa eficaz dentro das políticas públicas para a educação. A implantação depende não só de uma norma, mas de uma ação comprometida do governo, da escola e da comunidade no sentido de qualificar bem os trabalhadores que serão inseridos e os que já estão no mundo de trabalho, associando os diversos programas existentes na Rede para que a qualificação seja de qualidade e responda às demandas da sociedade.

A Rede CERTIFIC (Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada), segundo Pereira e Costa (2010):

é uma política pública de inclusão social de reconhecimento e certificação dos saberes adquiridos pelos trabalhadores, jovens ou adultos, durante sua trajetória de vida. O processo associa trabalho à elevação da escolaridade, numa estratégia desenvolvida em parceria entre Ministério da Educação e o Ministério do Trabalho e

Emprego em cooperação com instituições/organizações (PEREIRA E COSTA, 2010).

Para Gramsci (1982) “não existe atividade humana na qual possa excluir toda intervenção intelectual” e através do reconhecimento de saberes

é onde se legitima os conhecimentos do trabalhador que foram adquiridos em sua experiência de vida e trabalho com ou sem participação em cursos de formação profissional. Esse reconhecimento dar-se-á após a participação desse trabalhador em diferentes atividades de reconhecimento de saberes (PEREIRA E COSTA, 2010).

No CERTIFIC, durante o processo de reconhecimento de saberes, o trabalhador é entrevistado por uma equipe multidisciplinar composta de pedagogo, psicólogo, assistente social e especialista na área que farão um levantamento do perfil pessoal e profissional. Diante disso, o trabalhador que possuir saberes profissionais e escolaridade adequada poderá ser certificado. Se não conseguir, poderá se qualificar dentro dos cursos oferecidos pelo programa.

O processo de reconhecimento de saberes leva entre 2 e 3 meses, mas tem suas particularidades como no caso de qualificação profissional, para quem já concluiu a educação básica onde o curso pode ser de até 160 horas e no caso de quem não concluiu a educação básica, formação de 2 a 3 anos que integrará conteúdos do ensino fundamental e profissionalizante (PEREIRA e COSTA, 2010).

O programa compreende várias etapas em um processo de reconhecimento de saberes que se dá por meio de várias atividades práticas e de reflexão sobre ao mundo do trabalho.

O CERTIFIC talvez seja a resposta para muitos profissionais que estão no mercado de trabalho e para muitos outros que estão tentando entrar, pois eleva a escolaridade e também forma para o mercado, não só certificando, mas trazendo o aluno de volta à escola para a conclusão da educação formal.



O programa CERTIFIC tem como objetivo qualificar e certificar competências profissionais que independem de educação formal. Traz também a possibilidade de verticalização do ensino, antes um objetivo quase inalcançável para a maioria das pessoas que buscam o programa.

A possibilidade de receber, gratuitamente, um certificado que lhe garanta o direito de ser determinado profissional é um sonho para muitos que buscam a certificação. E a qualificação em alguma competência, que antes era necessária à busca por cursos caros e em horários inadequados, é a possibilidade de acesso real ao ensino e não só a compra de uma prova que dá direito a um certificado com prazo de validade.

Ainda segundo Carvalho (2003),

as tentativas de explicar e de resolver esse dilema apontam consensualmente para a qualidade de formação profissional, uma vez que o pressuposto é de que os empregos que agora são criados tendem a exigir um aumento de qualificações (CARVALHO, 2003).

Moraes & Neto (2005) traz um discurso interessante sobre competências, afirma que

A substituição das “qualificações” pelas “competências” visa a eliminar os antigos perfis profissionais ligados aos “postos de trabalho” (e, ao mesmo tempo, na maioria das vezes, os direitos a eles vinculados), substituindo-os por outros baseados na “polivalência” (MORAES & NETO, 2005).

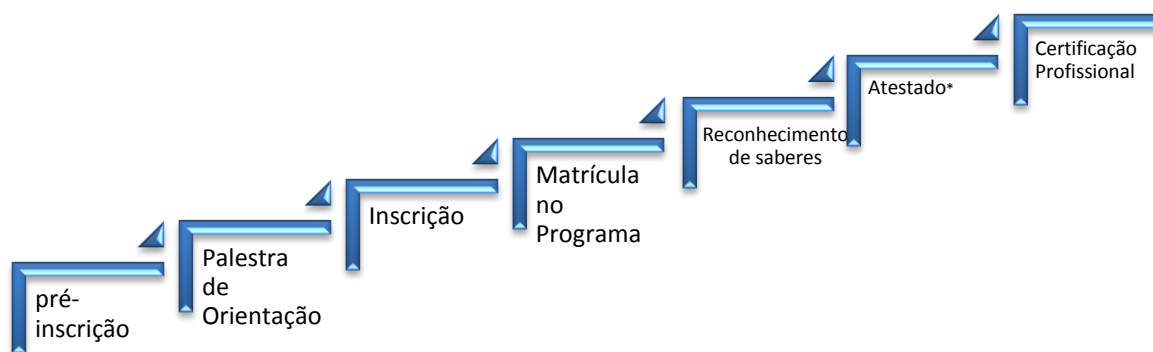
Pois o mercado tem recrutado pessoas com um perfil de assumir responsabilidades de execução e organização do trabalho de forma a conseguir acumular e intensificar suas tarefas e poder assim cumprir o papel que antes só seria possível com mais de uma pessoa na função.

A necessidade da verticalização precisa estar atrelada a um programa bem planejado, pois o aluno que precisar cumprir a educação básica para receber o certificado não irá para mesma escola que já o afastou tantas vezes. O currículo precisa ser pensado para esse grupo especificamente e não simplesmente colocá-lo na mesma turma de EJA que ele já conhece e abandonou por tantas vezes. Por isso o currículo precisa ser integrado às

questões que demandam o próprio CERTIFIC, trazendo significado ao trabalhador aluno que procura o programa.

A Rede CERTIFIC estimula a volta dos trabalhadores à escola quando prevê o reconhecimento e a validação dos saberes construídos ao longo de suas trajetórias de vida e de trabalho, dando-lhes a oportunidade de prosseguimento de estudos ao prever um itinerário formativo que contempla os diversos níveis e modalidades da Educação Profissional e Tecnológica.

Etapas que compõem o CERTIFIC:



Segundo Portal do MEC (2011) as etapas que compõem o CERTIFIC são:

1ª Etapa: Pré-Inscrição: Etapa em que os trabalhadores jovens ou adultos interessados em receber o reconhecimento de seus saberes sócio-profissionais para fins de certificação deverão comparecer ao campus de um Instituto Federal para manifestar seu interesse, munidos de Carteira de Identidade e CPF.

2ª Etapa: Palestra de Orientação: Momento em que os candidatos pré-inscritos receberão as orientações referentes às etapas do Programa.

3ª Etapa: Inscrição: A inscrição no Programa ocorrerá mediante preenchimento de questionário sócio-profissional.

4ª Etapa: Matrícula no Programa: A matrícula para o Processo de Reconhecimento de Saberes dar-se-á após a divulgação do calendário de atendimento de cada grupo de 20 trabalhadores inscritos, que serão organizados por escolaridade e experiência profissional. Cada grupo terá seu calendário próprio de matrícula.

5ª Etapa: Reconhecimento de Saberes: Para o reconhecimento de saberes serão realizadas entrevistas, dinâmicas de grupo e avaliação do desempenho profissional. No decorrer dessas atividades, o trabalhador terá a oportunidade de demonstrar seus saberes e experiências, para construção de seu Memorial Descritivo.

Nesta fase o aluno que por algum motivo não conseguir reconhecer algum saber específico da área é encaminhado a algum curso de formação inicial e continuada dentro do instituto para assimilar este conhecimento, e a partir daí seguir no reconhecimento de saberes até completar o memorial descritivo.

As competências que serão analisadas dentro no memorial descritivo são formadas anteriormente pelo grupo de docentes específicos da área técnica que levantam quais são as mais importantes para o trabalhador e que posteriormente também serão seus avaliadores.

6ª Etapa: A Certificação Profissional: Aqueles trabalhadores que já apresentarem os saberes profissionais e a escolarização necessários para o exercício da profissão serão imediatamente certificados.

Se o trabalhador no momento da certificação profissional não tiver a escolarização necessária, será encaminhado a alguma escola que tenha a educação básica para que complete essa formação e, assim que finalizar esse processo, retorna com seu diploma para receber a certificação.

O Instituto Federal firma parceria com a secretaria de educação estadual ou municipal para encaminhar o aluno para cumprir a educação formal, ficando a cargo do Instituto a educação profissional.

Nesta primeira fase, estarão participando os Institutos Federais dos estados do Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Pará, Paraíba, Piauí, Rio de Janeiro, Roraima, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo que aderiram ao Programa, mas anualmente a previsão é que se abram novas participações através de editais (PEREIRA E COSTA, 2010).

### 2.3 Base Legal para Implantação do CERTIFIC

A Rede Nacional de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada – Rede CERTIFIC se organizou a partir de uma ação conjunta entre o Ministério da Educação e o Ministério do Trabalho e Emprego através das secretarias de Educação Profissional e Tecnológica SETEC/MEC e Políticas de Trabalho e Emprego SEPTE/MTE com o intuito de atender aos trabalhadores que necessitavam de certificação de saberes prévios e elevação de escolaridade.

Segundo o Art. 41 da Lei No 9.394/96, Das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que define que “O conhecimento adquirido na educação profissional, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos”, traz a possibilidade do trabalho que o CERTIFIC tem de atender ao que se prontifica.

E diante do Parecer CNE/CEB 16/99 do Conselho Nacional de Educação ao tratar das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educacional de Nível Técnico se manifestou sobre a matéria:

em escolas técnicas, instituições especializadas em Educação Profissional, ONGs, entidades sindicais e empresas, os conhecimentos adquiridos no trabalho também poderão ser aproveitados, mediante avaliação da escola que oferece a referida habilitação profissional, à qual compete a avaliação, o reconhecimento e a certificação, para prosseguimento ou conclusão de estudos (Artigo 41). A responsabilidade, nesse caso, é da escola que avalia, reconhece e certifica o conhecimento adquirido alhures, considerando-o equivalente aos componentes curriculares do curso por ela oferecido, respeitadas as diretrizes e as normas dos respectivos sistemas de ensino (PARECER CNE/CEB 16/99).

O Parecer CNE/CEB 16/99 criou espaço para Lei nº 11.892 de 28 de dezembro de 2008 em seu §2º do Art. 2º que diz que “ no âmbito de sua atuação os Institutos Federais

de Educação Ciência e Tecnologia exercerão o papel de instituições acreditadoras e certificadoras de competências profissionais”. Que foi inserida através da Portaria Interministerial nº 1.082 de 20 de novembro de 2009 que criou a Rede Nacional de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada - Rede CERTIFIC.

#### **2.4 A importância do CERTIFIC**

O CERTIFIC talvez seja a resposta para muitos profissionais que estão no mercado de trabalho e para muitos outros que estão tentando entrar, pois eleva a escolaridade e também forma para o mercado. E analisar esse programa é de suma importância como Perez (2010) descreve em seu texto sobre os fatores que contribuíram para a avaliação de políticas, programas e projetos sociais e educacionais, que são:

a consolidação democrática, o ajuste econômico e consequente redução dos recursos para a área social, as maiores exigências impostas pelos órgãos financiadores, especialmente internacionais, em relação ao controle de gastos e resultados etc (PEREZ, 2003).

Abrir espaço para o itinerário formativo é dar condições desse aluno buscar a verticalização no ensino que antes nem tinha possibilidade de acesso, daí a necessidade da Rede criar formas de acesso desse aluno transitar dentro dos cursos na escola e não ter que concorrer com todos no mesmo processo seletivo.

Pois é necessária uma discussão mais profunda desses sujeitos dentro da escola para não ocorrer o que Kuenzer (2007) chama de

exclusão includente na ponta do mercado, que exclui para incluir em trabalhos precarizados ao longo das cadeias produtivas, dialeticamente complementada pela inclusão excludente na ponta da escola, que, ao incluir em propostas desiguais e diferenciadas, contribui para a produção e para a justificação da exclusão (KUENZER, 2007).

A mobilidade social tão importante no mundo capitalista em que vivemos e a verticalização do ensino abre espaço para aumentar a empregabilidade, pois traz um conhecimento maior para quem está envolvido no processo e ainda atende às questões de demanda de mercado uma vez que exige formação básica específica, como por exemplo: certificado de conclusão de ensino médio, atrelando a educação escolar a vaga no emprego.

Nessa perspectiva, tanto o acesso ao trabalho como o acesso à educação escolar e à formação profissional constituem direitos sociais. A geração de trabalho/emprego e a expansão qualitativa e quantitativa da educação apresentam-se como exigências para a ampliação dos direitos de cidadania, como pressuposto à implantação e consolidação do processo democrático (MORAES & NETO, 2005).

O CERTIFIC, como política pública voltada para educação, é uma poderosa ferramenta de atendimento ao trabalhador desde que se tenha a importância necessária como instrumento de agregação social e profissional desse trabalhador. Também necessita de revisões periódicas em sua aplicação para que atenda realmente aos interesses que lhes foram impostos.

Pensar a inclusão social pelo do trabalho é a oportunidade de acessar os trabalhadores que estão nas classes menos favorecidas e lhes proporcionar qualificação que tenha resultados efetivos para eles e o mercado de trabalho: "as políticas de educação, ao negar aos que vivem do trabalho a possibilidade de acesso à formação tecnológica, em nome de uma educação genérica, respondem às demandas da acumulação" KUENZER (2007). Diante deste fato é necessário o acesso do trabalhador a qualificações que sejam realmente de interesse tanto para a classe trabalhadora como para o mercado, pois, afinal não há como estar fora dele. Mas que não atenda somente ao mercado em detrimento do trabalhador que acaba se sujeitando para não "sobrar" diante das expectativas do mercado que seleciona.

O CERTIFIC levanta a oportunidade de elevação da escolaridade, visto que estas pessoas já entraram e saíram muitas vezes da escola, mas é preciso também um olhar da escola no sentido de trazer respostas às demandas desta parte da população, pois somente

inserir-lo na mesma escola que o excluiu várias vezes é mais uma vez colocar para fora o aluno que mais precisa dela. E aí que talvez o CERTIFIC seja o maior aliado nesse processo de certificação.

Daí as críticas feitas à escola sobre a incapacidade dos alunos relacionarem os conteúdos das disciplinas com as relações sociais e produtivas que constituem a sua existência individual e coletiva (KUENZER, 2003).

A escola como ponto de referência aos trabalhadores para qualificação e também certificação como etapa formal desse aprendizado nos força a fazer uma discussão mais aprofundada sobre o trabalhador dentro da escola tendo acesso a um direito seu, sem ser subjugado nem colocado à parte por não estar mais na idade escolar, por estar em busca de melhorar suas competências para o mundo do trabalho e, mais ainda, para encontrar a cidadania muitas vezes negada a ele por falta de conhecimento.

## CAPÍTULO III

### CAMINHO METODOLÓGICO

#### **3.1 Caracterizações da pesquisa:**

Nesta pesquisa optou-se inicialmente por um estudo quantitativo-qualitativo por entender que falar sobre educação é necessário entender o motivo e as entranhas das respostas que são dadas, tendo um olhar sobre o contexto da sociedade, do mercado de trabalho e dos sujeitos que permeiam o tema da educação profissional.

Após essa perspectiva, percebe-se a necessidade de levantar de forma quantitativa quem são e quantos são os sujeitos dessa pesquisa.

Pensando na análise quantitativa e sem deixar de levar em conta os dados qualitativos dessa etapa, identificamos o perfil dos trabalhadores que buscaram este programa, de onde vêm, qual o motivo para a busca do programa e o que esperam dele. Esses dados foram levantados nos documentos que foram produzidos durante as várias etapas do CERTIFIC.

#### **3.2 Lócus da pesquisa:**

O IFB foi criado em 2008 a partir da lei 11.892. Iniciou-se primeiramente em Planaltina onde já havia o Colégio Agrícola, que foi federalizado na época. A expansão do IFB foi programada para acontecer no Plano Piloto, Taguatinga, Gama e Samambaia. Por problemas na liberação do lote para construção da sede em Samambaia, as aulas começaram em salas emprestadas no SEST/SENAT e no Colégio da Secretária de Educação do DF situado na quadra 504 da Samambaia através de convênios no período noturno. No ano de 2010 a escola foi realocada em um prédio alugado na quadra 304 onde recebeu os alunos do programa CERTIFIC. Atualmente a escola funciona no prédio definitivo localizado na Boca da Mata e algumas atividades permanecem ainda na 304 por motivos de fases de entrega da obra do prédio definitivo.



Em audiências públicas organizadas para escolha dos perfis que seriam adotados no campus, foram decididos que trabalharíamos com construção civil, meio ambiente e produção moveleira.

Os perfis do Programa CERTIFIC também foram escolhidos a partir de audiências públicas e o campus que possuísse o perfil e estivesse apto para participar se inscreveu no edital. Daí a participação deste campus no edital para o programa CERTIFIC na área de construção civil. Diante dessa participação e procurando respostas ao atendimento das pessoas que buscaram o programa questionamos sobre **quais os significados do programa CERTIFIC na atividade laboral do trabalhador?**

### 3.3 Sujeitos da Pesquisa

O grupo analisado é composto pelos trabalhadores certificados ou em fase de certificação da primeira turma do programa CERTIFIC no *campus* Samambaia na área de construção civil. São eles:

- 15 já certificados, pois tinham a escolaridade mínima exigida e todas as habilidades da área pretendida;
- 18 já atestados, a maioria, dentre eles, 16 só não foram certificados por não possuírem a educação básica.

Os dados dos trabalhadores-alunos que compõem esta amostra foram extraídos de documentos do registro acadêmico do campus Samambaia.

Para uma melhor organização do estudo e segundo o princípio da categorização citado por Bardin (1977) onde diz “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos”, a amostra foi dividida nos subgrupos:

- Trabalhadores com ensino fundamental completo com ou sem qualificação técnica necessária;

- Trabalhadores com ensino fundamental incompleto com ou sem qualificação técnica necessária;
- Trabalhadores com ensino médio completo, com ou sem qualificação técnica necessária;
- Trabalhadores com ensino médio incompleto, com ou sem qualificação técnica necessária;

### **3.4 Instrumentos de Coleta de Dados:**

#### **3.4.1 Análise documental:**

Para GIL (2010), “a pesquisa documental é utilizada em praticamente todas as ciências sociais” e MARCONI E LAKATOS (2010) caracteriza a pesquisa documental como “fonte de coletas de dados que está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois”. É o que acontece nessa pesquisa, pois alguns de nossos pesquisados ainda estão no processo da certificação e alguns já concluíram.

Optou-se nesta primeira etapa pela análise documental, que segundo Bardin (1977) “tem por objetivo dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação”, para que pudéssemos conhecer o público-alvo e melhor conhecer a amostra desta pesquisa.

Neste processo analisaremos apenas os que concluíram a certificação e os que ainda permanecem no programa, pois analisar os não-concluintes seria uma outra discussão que não cabe neste estudo.

De acordo com GIL (2010), “A pesquisa documental vale-se de toda sorte de documentos, elaborados com finalidades diversas” e por isso enquadra-se melhor em nossa pesquisa, pois fazem parte dos documentos levantados para a análise:

Formulário de pré-inscrição – neste constam dados que buscam informações sobre a identificação pessoal e profissional.

Manual do candidato – apresenta informações necessárias para que o trabalhador tenha clareza de todas as etapas, métodos e processos de avaliação e certificação dos saberes, além dos conhecimentos que serão avaliados e os respectivos perfis profissionais.

Questionário socioeconômico e de experiência profissional – padronizado para cada profissão/ocupação contendo: a escolaridade e as respectivas experiências.

Entrevista individual dialogada (interpretativa e formativa) - realizada por equipe multidisciplinar para que o candidato manifeste suas concepções e interesses a respeito de sua profissão/ocupação.

Memorial descritivo – instrumento constituído com base nas informações obtidas durante o processo avaliativo e formativo.

O levantamento dos documentos do Programa CERTIFIC foi difícil, por causa de mudanças internas de setores. As versões digitais também não foram fáceis, pois com a mudança de direção e o afastamento da então coordenação de pesquisa, que à época também era coordenadora do Programa por motivo de licença, dificultou o acesso à documentação.

Essa documentação foi encontrada em um dos armários da Coordenação de Pesquisa, organizada em pastas nomeadas com os respectivos temas e em ordem de acontecimentos do Programa.

A documentação digital foi acessada na pasta digital da Coordenação de Pesquisa. Em uma tentativa de observar o programa em sua totalidade buscou-se organizar por datas, mas depois percebemos a necessidade de buscar caso a caso os nossos entrevistados para levantarmos seu perfil e conhecê-los melhor.

Inicialmente os documentos dos alunos foram organizados em alunos certificados e alunos atestados.

Segundo o 4º instrumento de acompanhamento da Rede CERTIFIC, foram inscritos 235 trabalhadores, dentre os quais se matricularam 63. Até a formatura foram 33 trabalhadores; destes, 14 receberam a certificação e de 19 foram atestadas suas

competências mas não foram certificadas, ou por falta de finalização da educação básica ou por não atingir alguma habilidade técnica necessária para a certificação.

### 3.4.2 Entrevista

A entrevista segundo MARCONI E LAKATOS (2010), "é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante conversação de natureza profissional" e complementa que é um procedimento utilizado na investigação social e que ajuda no diagnóstico e no tratamento de um problema social.

Diante disso foi agendado um encontro com os trabalhadores que aceitarem participar da pesquisa para aplicarmos uma entrevista semi-estruturada que para MANZINI (1990/1991), citado por MANZINI (2004), "a entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, completadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista" a entrevista individual aconteceu no próprio *campus* no caso dos atestados e no caso dos certificados em seus locais de trabalho ou na própria residência (os locais das entrevistas foram escolhidos mediante a conveniência dos entrevistados. No caso das pessoas atestadas aproveitou-se uma reunião de balizamento das informações dos trabalhadores para a continuidade das etapas e as pessoas certificadas foram entrevistadas em locais de sua escolha).

A escolha pela entrevista neste estudo deve-se à dificuldade muitas vezes na leitura e na escrita de nossos entrevistados e também devido a que, no acompanhamento do programa, esta pesquisadora ter percebido que a melhor forma de entendimento do que se propõe aos trabalhadores-alunos que participaram do programa seria através da linguagem falada, o que corrobora MANZINI (2003) em que "entrevista é, essencialmente, uma forma de interação social".

É também por adequação à proposta da pesquisa no que tange à percepção do trabalhador ao tema que segundo Manzini (2004), "por meio da entrevista só é possível estudar o relato sobre os fatos".

Manzini (2003), diz que “a intimidade com a população a ser entrevistada auxilia a escolha do vocabulário a ser utilizado, além de auxiliar na compreensão das palavras faladas”. Por isso na aplicação da entrevista foi observada a forma como as perguntas eram feitas, pois em atividades anteriores que a pesquisadora vivenciou, percebeu-se uma grande dificuldade de entendimento dos questionamentos e assimilação do que se pede em questões gerais.

Para que a coleta de informações fosse bem aproveitada foi elaborado um roteiro com perguntas que segundo Manzini (2004), “... coletam as informações básicas, como meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante”.

Após a aplicação da entrevista foram traçados os dados para posterior resultado da pesquisa.

O contato se iniciou pelos alunos que estavam matriculados no curso de Técnico em Edificações que entraram nas vagas destinadas ao Programa na época da formatura; todos os alunos certificados foram indicados a concorrerem às vagas destinadas de acordo com o Memorando nº05 – 2012/DGSA/CSAM/IFB emitido pela Diretora Geral do *campus* Samambaia, na data do dia 26 de janeiro de 2012, que aponta os alunos aptos a concorrerem às vagas do Programa CERTIFIC.



Figura 1. Trabalhadores alunos em aula de leitura de projetos no Programa CERTIFIC.

Três desses alunos foram matriculados no curso de Técnico em Edificações, mas dos que entraram somente um ainda estava cursando. Um desistiu por causa da distância e o outro por doença. A entrevista deste aluno cursando o Técnico foi feita na própria escola em horário marcado.

Os alunos certificados foram entrevistados ora em seus respectivos trabalhos ou em suas residências e os alunos atestados foram entrevistados ao final da reunião de balizamento feito na escola.

Os alunos certificados foram contatados um a um por telefone que constava na ficha de inscrição preenchida para o Programa.

Os alunos atestados foram contatados por telefone para uma reunião que trataria de balizamento do Programa, marcada para o dia 06 de julho de 2013. Esse balizamento se deu ao fato de os alunos estarem à espera da conclusão do Programa que estava parado por havia quase um ano, por vários fatores, entre eles: mudança de direção, licença da coordenadora do Programa e pendências dos próprios alunos como a não conclusão da educação básica, obrigatória para a certificação.

Conseguir contato com esses alunos não foi tarefa fácil, visto que muitos estavam com dados desatualizados; mesmo quando se conseguia, havia uma grande dificuldade de marcar a entrevista, seja por causa do trabalho ou pela distância da moradia dessas pessoas.

Percebemos uma ligeira diferença entre as entrevistas feitas com os certificados e os atestados no que diz respeito ao entendimento das questões e no amadurecimento das respostas, levando à hipótese de que provavelmente os alunos certificados (que concluíram a educação básica) já elaboraram um pensamento a respeito do tema educação e trabalho e das relações que esse tema tem para suas vidas dentro e fora da escola. E que o conhecimento adquirido dentro da escola em seu processo de ganho de conhecimento os levou a refletir sobre o tema.

Nessa busca incessante de entrevistas e a necessidade de encontrar esses trabalhadores me fez conhecer um pouco de suas realidades. Andei por seus locais de

trabalho, casas e lugares significativos para eles e percebi o quanto a realidade destas pessoas se parece com a de milhares de brasileiros; aí acrescento algumas pessoas de minha família que passei a olhar com outros olhos, com outra perspectiva. São pessoas que passam seus dias trabalhando (e trabalhando pesado) para sustentar suas famílias, construir suas casas (muitas vezes sem pintura e com móveis surrados), mas com uma postura de responsabilidade sobre seu lar e seu trabalho (muitas vezes em garagens, supermercados, antenas de TV e etc). Percebi o quanto essas pessoas me ensinaram, me mostraram um pouco de suas vidas e se no primeiro momento buscava informações sobre o programa CERTIFIC e a importância para essas pessoas, achei histórias de vida fascinantes, de luta, de orgulho de suas profissões e também da simplicidade em querer crescer profissionalmente e enxergar num certificado a possibilidade de mudança de vida.

Percebi ao longo das entrevistas um grande interesse em participar dessa pesquisa e externar suas opiniões a respeito não só do programa como do IFB e das pessoas que os acompanharam no processo de certificação.



Figura 2. Trabalhadores alunos fazendo ginástica laboral no Programa CERTIFIC.

Deparei-me com uma sensação de realização durante as entrevistas, pois foi muito prazeroso conversar com essas pessoas, visto que na escola muitas vezes não há tempo suficiente para isso.

Além disso, percebi que os alunos que já terminaram o ensino médio tiveram uma maior facilidade de entender os questionamentos e formular os argumentos para as respostas de maneira mais clara e com maior consciência dos conceitos ali postos. Isso porque talvez já tivessem feito, a respeito de termos relacionados a educação e trabalho, uma reflexão mais profunda do que os alunos com ensino fundamental incompleto



## CAPÍTULO IV

### Discutindo os Dados

#### 4.1 O programa CERTIFIC e o IFB campus Samambaia

A partir de um relato de experiência vivenciado por mim levanto algumas questões que foram pertinentes durante o processo de certificação que está em desenvolvimento no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, mais precisamente no *campus* Samambaia, a partir de edital em que fora contemplado na área da construção civil.

O programa foi iniciado em 2010 na área da Construção Civil nos perfis de Pedreiro, Armador, Encanador e Eletricista Predial que vem a ser o perfil de atuação do *campus* escolhido em audiência pública anteriormente feita em que foram decididos os perfis do *campus*. Cumprindo etapas como o evento de orientação que foi feito em auditório logo após a pré-inscrição dos interessados que contou com membros da Secretária de Tecnologia – SETEC, servidores do IFB, e os pré-inscritos para o conhecimento e divulgação do programa. A verticalização do ensino, inicialmente, foi o mais atrativo para pessoas que estavam afastadas da escola havia muitos anos. Nessa etapa foram distribuídos manuais para os inscritos para que soubessem em que perspectiva seriam avaliados e em quais competências seria cobrados, manuais estes confeccionados com textos feitos pelos profissionais que os avaliariam nas outras etapas.

<b>Perfis do Programa CERTIFIC no IFB <i>campus</i> Samambaia</b>			
<b>Perfil</b>	<b>Pedreiro</b>	<b>Eletricista</b>	<b>Encanador</b>
<b>Requisitos prévios</b>	O profissional deverá possuir o Ensino Fundamental completo.	O profissional deverá possuir o Ensino Fundamental completo.	O profissional deverá possuir o Ensino Fundamental completo.
<b>Campo de Atuação</b>	Execução, reforma e manutenção de obras civis.	Execução, reforma e manutenção de obras prediais.	Execução, reforma e manutenção de obras civis.
<b>Descrição do Perfil</b>	Executa trabalhos de construção, reforma e manutenção de obras civis, no que se refere a	Executa trabalhos de instalação elétrica predial no que se refere a colocação de pontos de	Executa trabalhos de construção, reforma e manutenção de obras civis, no que se refere

	alvenaria de tijolos, pedras de cantaria, blocos e concreto, contrapisos, revestimentos de pisos e paredes em geral, monta painéis de alvenaria pré-fabricados ou convencionais.	luz, de tomadas de baixa tensão para máquinas e equipamentos domésticos ou industriais, painéis de comando, bombas de água.	à instalação hidráulica de água fria, quente, esgoto e de combate a incêndio.
--	--	---	---

Fonte: <http://portal.mec.gov.br>, acesso em 14 de outubro de 2013

Tabela 1. Perfil do Programa CERTIFIC no IFB *campus* Samambaia.

Logo após foi marcada a entrevista individual em que foi levantado o perfil pessoal e principalmente profissional do participante em uma conversa sempre com algum docente da área técnica e outro da área comum em que foram gravadas suas respostas e depois transcritas o que corrobora Trevisan (2001) em que afirma que “empregabilidade é o conjunto de habilidades profissionais que diferencia o trabalhador e que o torna “empregável” devido a seu conhecimento acumulado”.



Figura 3. Trabalhadores alunos em uma das atividades do Programa CERTIFIC.

Foi quando percebemos que o que realmente chamou a atenção dos participantes foi ter acesso ao certificado gratuitamente, mas viam dificuldade em estar em todas as etapas por causa do trabalho, mas que ainda assim tentariam participar do processo, corroborando a teoria do capital humano ALMEIDA E PEREIRA (2004) em que “quanto mais se estuda, mais oportunidades se tem”, transferindo a obrigação da qualificação ao trabalhador SHULTZ (1973).

O Instituto Federal de Brasília – IFB tem hoje o CERTIFIC como um dos programas na REDE, nas áreas de construção civil e eventos. Em Samambaia a área de atuação é a de construção civil nos perfis de eletricitista predial, encanador, pedreiro e armador, pois é a vocação do *campus*.

No *campus* Samambaia houve a formatura da primeira turma de alunos do CERTIFIC. Durante o processo existiram diversos fatores que levaram o programa a demorar para formar a primeira turma. A demora provavelmente se deve ao fato de as etapas serem feitas aos sábados para facilitar o acesso dos participantes, à dificuldade em levantar os materiais devido à burocracia das compras públicas e à própria dificuldade de assimilação e entendimento do programa que é novo para todos, inclusive para os servidores que estão ligados diretamente ao CERTIFIC.



Figura 4. Trabalhadores alunos fazendo leitura de projetos no Programa CERTIFIC.

O CERTIFIC no campus Samambaia foi um programa que teve início em 2010 e dos que se candidataram apenas 63 chegaram a efetivar matrícula. A alta evasão (o programa começou com 235 inscritos) talvez se deva ao fato de muitos acharem o processo demorado, não tendo interesse em verticalização ou não compreendendo a importância dela. É possível ainda que, após a palestra, tenham percebido que o programa não atenderia suas necessidades.

Os participantes eram das áreas de eletricista, pedreiro e encanador. No perfil de armador só houve 4 inscritos e todos desistiram. No perfil de Eletricista todos já haviam concluído o ensino básico, não sendo preciso integrar os conteúdos da educação básica, o que leva à certificação mais rapidamente.

Desses 63 que finalizaram o processo, restaram 33, sendo que:

- 15 foram certificados, pois tinham a escolaridade mínima exigida e todas as habilidades da área pretendida;
- 18 receberam atestado e, dentre eles, 16 só não foram certificados por não possuírem a escolaridade mínima;
- Dos 15 certificados, 14 tinham o ensino médio completo e foram encaminhados a participar do processo seletivo, na reserva de vagas do CERTIFIC, para o curso de Edificações. Desses, 9 fizeram matrícula.

Dos que se matricularam no Curso Técnico em Edificações somente um aluno continua no curso.

#### **4.2 Analisando o perfil**

Nesse momento apresentaremos os dados levantados, bem como uma análise em documentos primários elaborados no Programa, e nas entrevistas feitas durante a pesquisa a partir do que coletamos, trazendo o olhar da entrevistadora a respeito do contato direto com os entrevistados.

Partimos da análise dos documentos levantados para a pesquisa, procurando traçar o perfil dos participantes do programa em uma tentativa de conhecer esse trabalhador aluno aproximando a fala de sua vivência no mundo do trabalho.

Foi necessária uma categorização desse público, visto o grupo ser heterogêneo no que se refere a nível de escolaridade, perfil profissional e nível de qualificação necessária para a certificação. Sendo divididos em:

- Trabalhadores com ensino fundamental completo com ou sem qualificação técnica necessária;

- Trabalhadores com ensino fundamental incompleto com ou sem qualificação técnica necessária;

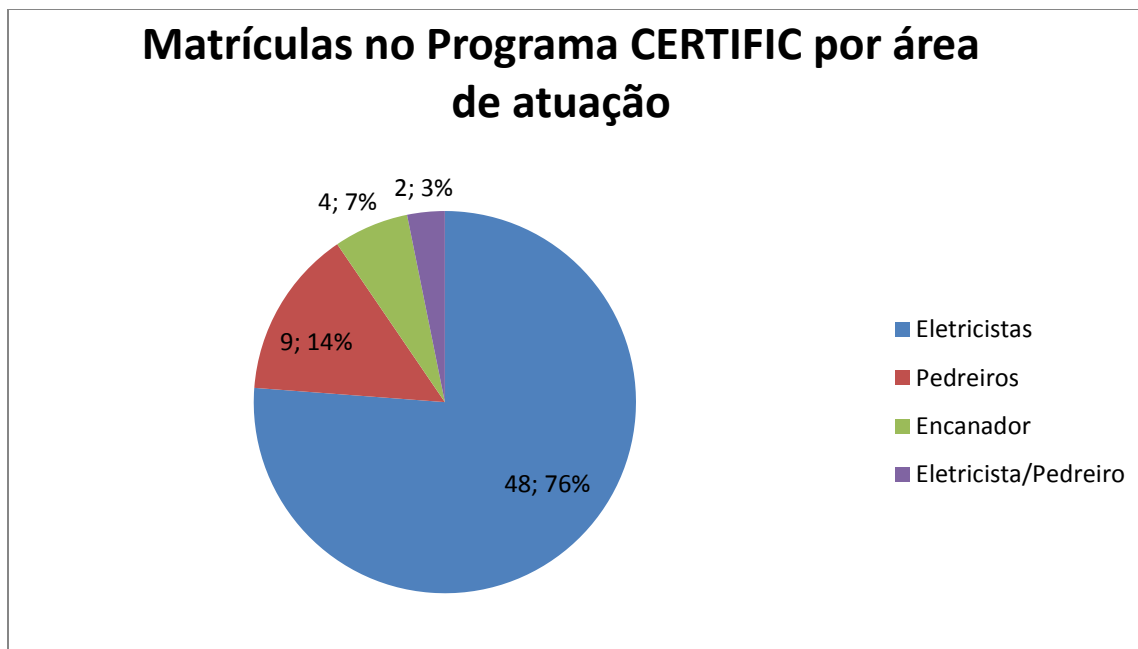
- Trabalhadores com ensino médio completo, com ou sem qualificação técnica necessária;

- Trabalhadores com ensino médio incompleto, com ou sem qualificação técnica necessária;

Para isso, apresentamos alguns gráficos para melhor visualização dos dados levantados.

No gráfico abaixo apresentamos as matrículas efetivadas no Programa, no total de 63 pessoas. Dessas 63 pessoas, 48 são do perfil de eletricista predial (o maior grupo dentro do programa), 9 pedreiros, 4 encanadores e mais dois participantes que se inscreveram para dois perfis, aumentando de 48 para 50 os inscritos em Eletricista Predial e de 9 para 11 as pessoas inscritas para pedreiro.

Nesse momento percebemos que houve um maior número de inscritos para o perfil de Eletricista Predial, talvez pelo fato de que na época uma empresa do ramo ficou sabendo do Programa e solicitou que a secretária desta empresa inscrevesse todos os funcionários, daí o número elevado de matrículas.



Total: 63 pessoas

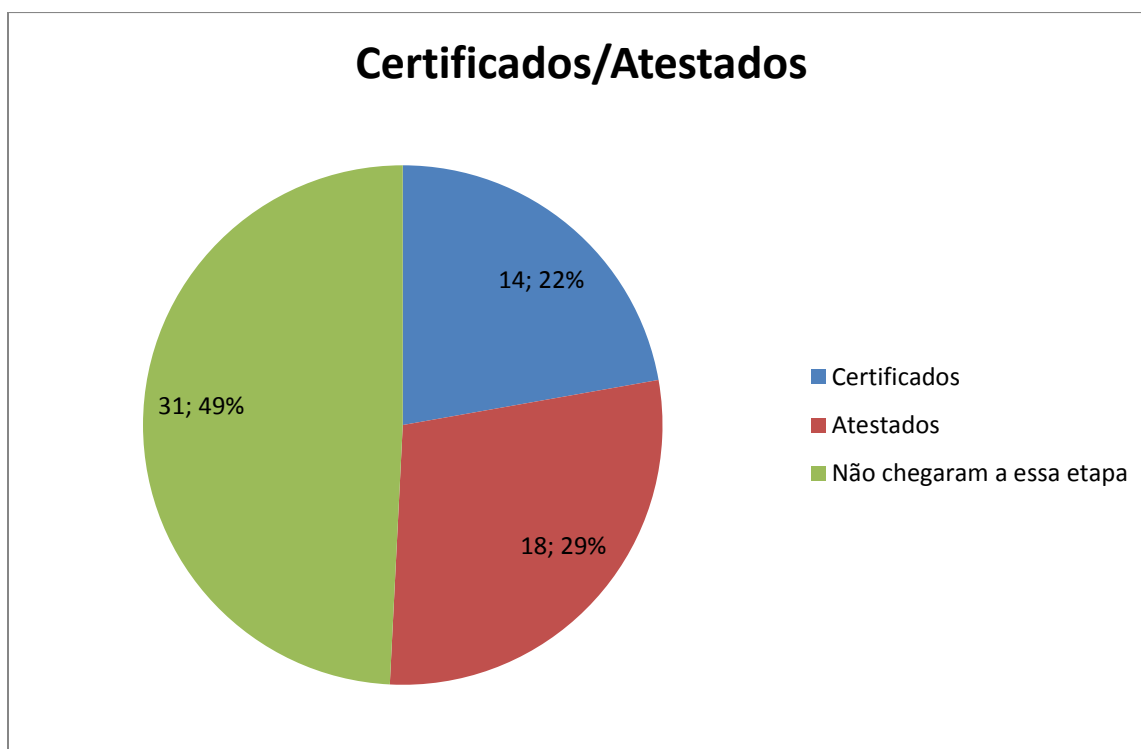
No gráfico abaixo apresentamos o resultado do programa em que dos 63 participantes, 14 receberam o certificado (fase final do Programa), 18 receberam o atestado (não se certificando ora por não ter o ensino básico, ora por não alcançar todas as competências necessárias para atingir a formação técnica, e ainda por não ter comprovado o ensino básico completo e as competências técnicas necessárias.

Destes, 31 participantes desistiram durante o curso por vários motivos, alguns foram relatados informalmente, outros não. Alguns exemplos das desistências foram a demora no processo, a distância dos locais das atividades tanto práticas como teóricas, também por causa da dificuldade que o próprio trabalho impunha para a liberação de horário, entre outros.

Os motivos de desistência apresentados no Programa corroboram com os motivos apresentados por FREDENHAGEM; COMETTI; BONFIM; ARAÚJO (2012): “A principal causa, compondo 45% do total dos entrevistados, foi à incompatibilidade do horário do curso com o horário de trabalho” nos cursos oferecidos pelo IFB no ano de 2010. Percebemos que o horário de trabalho é uma situação que interfere incisivamente em qualquer oferta de qualificação oferecida pelo IFB, talvez porque a cidade onde essas

peças trabalham não é a mesma onde se localiza o IFB fazendo com que as distâncias atrapalhem o trabalhador chegar na escola. Temos vários exemplos assim dentro da escola: o aluno mora na Samambaia mas trabalha em Brasília das 8h às 18h, a aula inicia-se às 19h. Ele precisa se deslocar quase 40km em 1h de onibus dentro de engarrafamentos. Esse aluno geralmente não consegue chegar na escola a tempo e acaba levando faltas o que pode levá-lo a reprovação.

Existe também aquele aluno que o curso escolhido é no horário de trabalho e isso é um limitante para a própria entrada dele, pois ele acaba desistindo antes de se matricular pois não há uma alternativa de horário no trabalho nem na escola.



Total: 32 pessoas

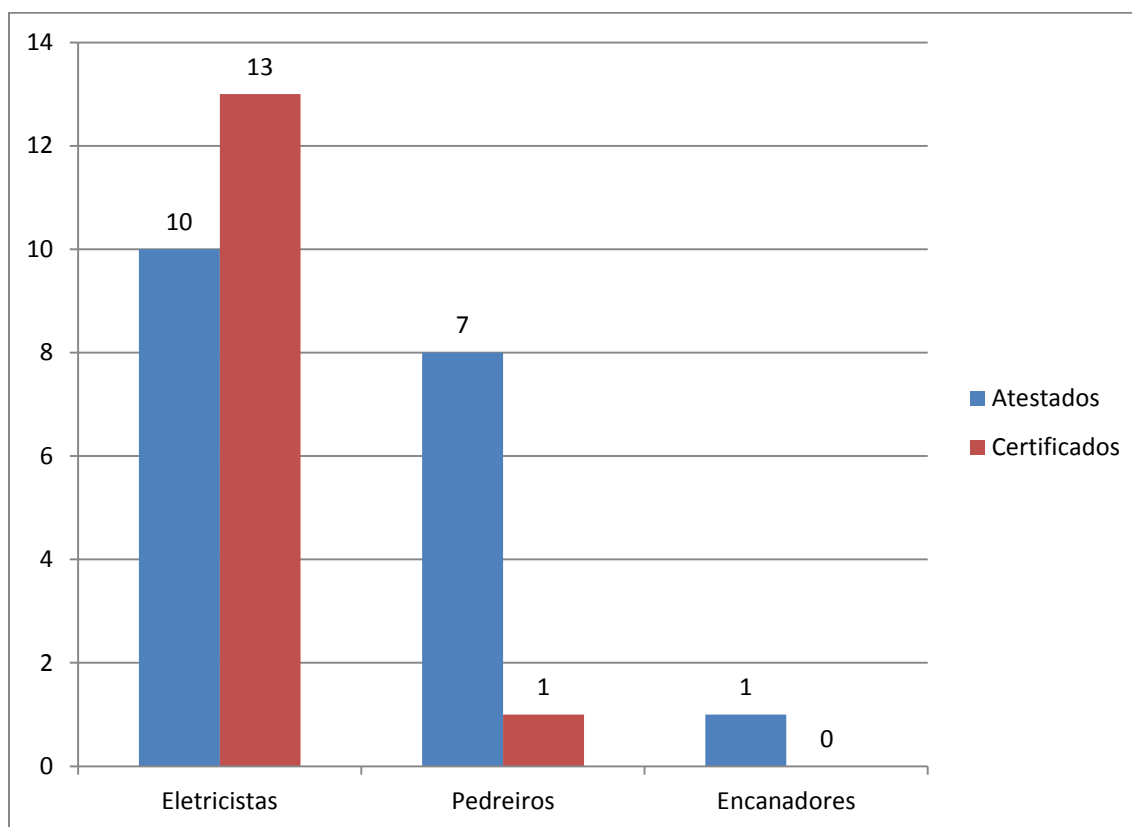
No gráfico abaixo dividimos os participantes levando em consideração a certificação e o perfil escolhido. Isso se deve ao fato de entendermos e conhecermos melhor os participantes desse programa que receberam tanto o atestado quanto o certificado.

No perfil de Eletricista 10 pessoas receberam o atestado e 13 receberam o certificado. No perfil de Pedreiro 7 receberam atestado e uma recebeu o certificado. No perfil de Encanador 1 uma pessoa recebeu o atestado e nenhuma recebeu o certificado.

Percebemos que entre o perfil de Eletricista predial e o de Pedreiro houve uma inversão nos dados; isso talvez se deva ao fato de a maioria das pessoas no grupo de eletricitistas já terem terminado o ensino fundamental, o que apressou sua certificação uma vez que a comprovação foi mais rápida, corroborando Kuenzer (2003) que diz que o ... “domínio da teoria do processo, articulada ao saber tácito, lhes conferirá competência para enfrentar situações não previstas” agilizando o recebimento do certificado.

No grupo de pedreiros, poucos tinham o ensino fundamental, o que na concepção do programa inviabiliza o recebimento do certificado. Aprofundaremos o tema logo que apresentarmos os dados da formação básica.

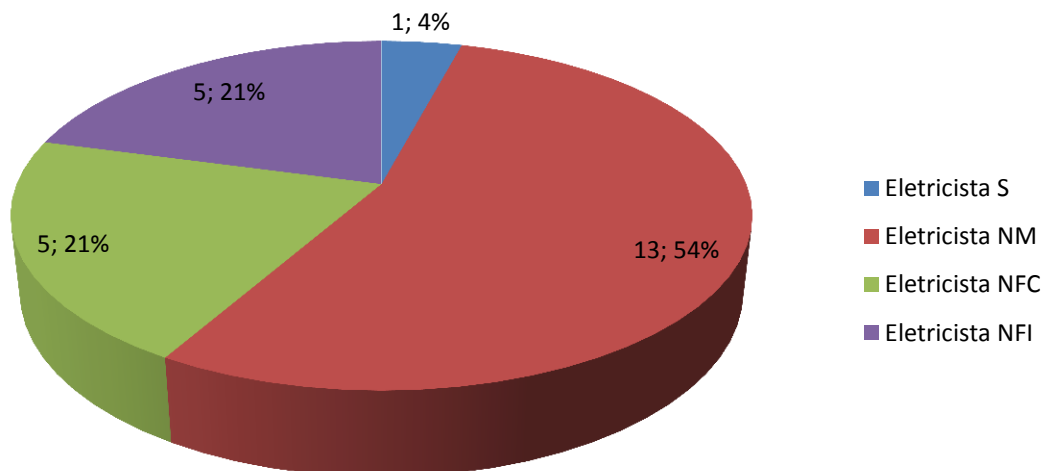
**Certificação/Área de atuação**



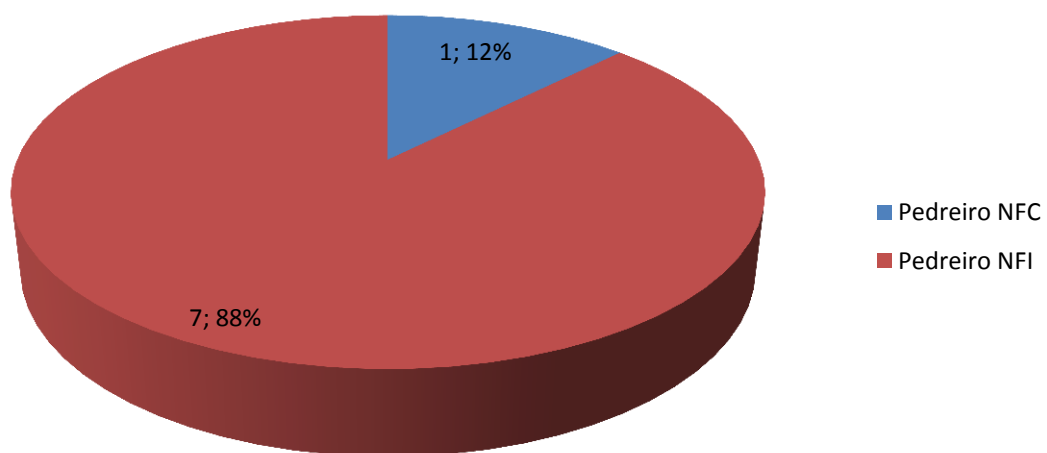
Dos trabalhadores que se inscreveram para eletricista/pedreiro, dois receberam atestado de pedreiro já computado no gráfico.



### Perfil (Eletricista)/Nível de Escolaridade



### Perfil (Pedreiro)/ Nível de Escolaridade



Nos dois gráficos acima levantamos a formação escolar dos participantes. Dividimos o grupo em dois perfis e no que diz respeito à formação escolar em nível superior, nível Médio, nível fundamental completo e nível fundamental incompleto.

No perfil de eletricitista predial, em que houve um grupo maior de certificados, uma pessoa possuía nível superior, treze pessoas possuíam o ensino médio, 5 possuíam o ensino fundamental completo e 5 possuíam o ensino fundamental incompleto.

No perfil de pedreiro, uma pessoa possuía o ensino fundamental completo.

Nesse momento volto a considerar o quanto os trabalhadores que possuíam ensino médio completo argumentaram de forma mais clara a respeito dos questionamentos. Isso corrobora Kuenzer (2003): “não se trata mais de apenas fazer, mas de fazer refletido, pensado, o que remete à ideia do movimento do pensamento que transita do mundo objetivo para a representação no plano da consciência”. É um fazer já analisado, em que a teoria já foi aplicada em alguns momentos de sua vida no intuito de crescer profissionalmente.

Observando o perfil desses trabalhadores alunos percebemos um vasto grupo de pessoas que estão sim interessadas em ter um certificado (visto a quantidade de pessoas inscritas inicialmente), mas existem vários limitantes como o acesso, o horário, o trabalho, a conformação atual do Programa entre uma série de outros fatores.

No grupo de eletricitistas houve um maior número de certificados pois essas pessoas já tinham a Educação Básica o que facilitou. Mas o grupo de pedreiros deteve grande dificuldade em se certificar por não possuírem comprovação da Educação Básica. Percebemos aí uma fragilidade no perfil de pedreiro no que se refere a formação básica dessas pessoas e daí um olhar mais aprofundado nos motivos que as levam a abandonar a escola e não cumprirem essa etapa na formalização da Educação Básica,

### **4.3 Apresentando nossos entrevistados...**

Neste momento apresentamos os entrevistados desta pesquisa. Isso se faz necessário para conhecermos quem são e o que fazem em suas atividades laborais. Os

dados aqui foram levantados nos vários documentos criados durante o programa a respeito de seu histórico escolar. Afinal, precisamos saber o que estas pessoas faziam e fazem em seus trabalhos para que procurassem a escola com o objetivo de se certificarem.

Esses históricos são somente das pessoas entrevistadas; resguardamos suas identidades para que se sentissem mais a vontade em suas colocações.

➤ Entrevistado 1

A primeira experiência profissional deste trabalhador deu-se nas Forças Armadas com 19 anos. Depois trabalhou como secretário em colégio público e posteriormente trabalhou em supermercado.

Tem experiência com reparos de monitores de computador e motores de carro.

É eletricista e está na profissão há oito anos.

Quando perguntado sobre como se tornou eletricista nos disse: *“Foi mais por curiosidade, para aprender, uma pessoa me deu a oportunidade de aprender, mas eu percebia que o que ele me ensinava não era completo, faltava algo a mais, aí eu comecei a despertar o interesse por buscar novos conhecimentos, ai foi quando eu tive a oportunidade de ingressar no programa CERTIFIC. Ai abriu um leque”*.

➤ Entrevistado 2

O candidato declarou que iniciou sua experiência na área ensinado por seu pai. Gosta do que faz e sente orgulho de sua profissão. Na escola gostava das disciplinas de química, física, matemática e análise de circuitos. Aos 12 anos começou a trabalhar como ajudante em serviços de manutenção e foi aprendendo sozinho ao longo da vida. Gostaria de aprender a compor os preços dos serviços e a se relacionar com os clientes. Gostaria de fazer um curso de engenharia civil e atuar como instrutor na área de eletricidade em uma escola técnica.

Trabalha como Eletricista há 35 anos.

Pergunto: E nesses trinta e cinco anos você trabalhou somente como eletricista?

*“Sim, agora eu tô querendo fugir porque tem 35 anos aí eu to só enrolando. Tô aqui só esperando tempo para aposentar. Tô com 34 anos de contribuição. Eu tô só passando o tempo agora”.*

➤ Entrevistado 3

Atualmente não está trabalhando e não fez nenhum comentário a respeito de seu histórico profissional segundo os documentos.

Trabalha como Eletricista desde 1974.

Confirma seu trabalho durante esse período com as palavras: *“Isso ai vem de muito tempo porque eu trabalhei com sonorização, telefonia e depois eletricidade, então é uma coisa quase ligada a outra. Porque tudo você mexe com fio, você mexe com multímetro, então uma coisa usa a outra então tem muitos anos”.*

➤ Entrevistado 4

O candidato começou a trabalhar aos 12 anos como ajudante de eletricista do irmão, trabalhou juntamente com ele por 10 anos, como autônomo, na prestação de serviços e instalações elétricas. Aos 22 anos, veio para Brasília e passou a trabalhar como motoboy, e depois, em rede de auto-peças e, atualmente, está cumprindo aviso prévio. Mas ainda presta serviços esporádicos como eletricista. Dentre suas necessidades de aprimoramento profissional apontou que deseja aprender mais sobre comandos elétricos.

Exerce a função de eletricista há 20 anos.

➤ Entrevistado 5

O candidato iniciou as atividades laborais aos treze anos de idade como açougueiro, e em seguida como tapeceiro, o que impossibilitou a conclusão dos estudos no ensino básico. Após sua demissão, começou a exercer atividades na área de construção civil, cuja prática aprendeu com o pai. Obteve experiência como pedreiro e encanador residencial.

No período em que frequentava a escola, gostava de estudar matemática e aplica alguns conhecimentos vistos nesse período em sua profissão. Deseja retornar à escola, contudo gostaria que fosse próxima à sua residência.

Exerce a função de pedreiro há 35 anos.

Quando perguntado se sempre trabalhou como pedreiro nos diz:

*“Na verdade desde o inicio através de meus pais; de lá para cá aprendi de tudo, aprendi muita coisa com eles, mas o meu forte é mais o pedreiro. Eletricista, bombeiro hidráulico, se brincar eu faço e de obras pequenas, por exemplo eu pego a base e deixo pronto”.*

➤ Entrevistado 6

Atualmente trabalha como pedreiro para a empresa Infra Engeth e não fez comentários a respeito de seu histórico escolar segundo os documentos. Mas em nossa entrevista nos informou que possui o ensino fundamental completo.

É pedreiro há 33 anos.

➤ Entrevistado 7

Não foi encontrado memorial. Levantamos na entrevista que possui Ensino Fundamental Completo.

É pedreiro há 18 anos.

Quando perguntado se sempre trabalhou como pedreiro ele nos diz: *“Sempre. A partir de 18 anos pra cá, sempre como pedreiro”*. Mesmo assim indago: Antes disso você trabalhava com construção civil também? *“Não. Trabalhei como ajudante de expedição, montador de móveis e várias outras”*.

➤ Entrevistado 8

Atualmente trabalha como eletricista na Base Empreendimentos Imobiliário e segundo os documentos não comentou a respeito de seu histórico profissional. Mas na entrevista nos informou ter o Ensino Fundamental Incompleto.

Trabalha como Eletricista a mais de 10 anos.

➤ Entrevistado 9

Tem 36 anos e se inscreveu no CERTIFIC para o perfil de eletricista na perspectiva de fazer um curso na área.

O candidato possui o ensino médio completo, mas tem o desejo de continuar estudando para elevar o seu nível de escolaridade e sua profissionalização. Ele acredita que os conhecimentos adquiridos na escola o ajudaram bastante, pois a escolarização facilita o acesso ao mercado de trabalho. Na época em que estudou, a disciplina de que mais gostava era Matemática e o que aprendeu aplica no seu dia-a-dia em várias situações profissionais, por exemplo, quando vai dimensionar circuito ou instalar disjuntor.

Profissionalmente iniciou aos 15 anos em uma marcenaria. Como eletricista atua há aproximadamente 6 anos e desenvolveu os saberes da profissão através de cursos de qualificação profissional e da prática do dia-a-dia. Para ele um eletricista precisa saber dimensionar, puxar fios de acordo com as determinações, instalar tomadas, quadro de distribuição, instalações em geral, reparos, identificar defeitos e falhas no circuito, substituir equipamentos danificados e manobras no circuito elétrico de alta tensão. Para isso, segundo ele, são necessários alicates, multímetros, chaves de fenda, luvas isolantes, luvas de proteção, cinto tipo paraquedista, escadas, fita isolante, emendas para cabos, e conectores.

O candidato acha que é importante se manter atualizado e para isso precisa melhorar a cada dia mediante cursos de capacitação.

Ele trabalha com alta e baixa tensão e está muito satisfeito com o que faz.

Seu objetivo profissional é fazer uma faculdade de engenharia elétrica.

#### ➤ Entrevistado 10

A primeira experiência profissional do candidato foi aos 19 anos como Office boy. Mas desde muito cedo já ajudava seu pai nas atividades agrícolas, dirigindo trator. Já atuou na construção civil como marceneiro e depois como auxiliar de eletricista. Em seu relato disse também ter trabalhado no TRF. Atualmente exerce atividade laboral no setor de eletromecânica.

Para o participante, o eletricista deve saber ler e executar projetos, montar painéis elétricos. Declarou já ter realizado alguns cursos na área como o de eletricista predial e de instalações industriais no SENAI e um curso de eletrônica na Escola Técnica de Brasília – ETB. Na sua percepção, utiliza os conhecimentos de português com maior frequência

para preparar relatórios. Acha que ainda precisa melhorar na profissão e deseja continuar os estudos fazendo um curso técnico em eletrotécnica e engenharia mecânica.

O que o motivou a participar do Programa CERTIFIC foi obter o certificado e aprender mais sobre a sua profissão.

➤ Entrevistado 11

Não há histórico profissional

➤ Entrevistado 12

Não há histórico profissional

De alguns entrevistados não conseguimos levantar o histórico escolar e profissional na documentação do programa por não haver esse tipo de informação, talvez por se recusarem a informar ou a documentação que apresentaram estar incompleta. De qualquer forma tentamos levantar informações em entrevistas posteriores.

Percebemos aqui uma grupo bastante heterogêneo

#### **4.4 A conversa com nossos entrevistados**

Esse, sem sombra de dúvidas, foi o momento mais importante desta pesquisa. Conversar com essas pessoas, ter esse contato mais próximo, conhecer suas casas, seus locais de trabalho, muitas vezes suas famílias.

Perceber a realidade em que vivem, o que esperam das políticas públicas de educação profissional, do acesso ao mercado de trabalho, de seus sonhos como trabalhadores. Para essas pessoas, na maioria dos casos, não houve um momento de qualificação e posteriormente de inserção no mercado de trabalho, mas sim de tudo isso ao mesmo tempo. Através do CERTIFIC buscaram mais uma oportunidade de se adequar ao mercado de trabalho (buscando a certificação) ou de se colocar novamente nesse mercado.

Inicialmente procuramos levantar qual foi a motivação diante da chamada para o CERTIFIC, e percebemos que a necessidade do certificado chamou muita a atenção. O entrevistado N<sup>o</sup> 6 diz: *“O que chamou minha atenção foi o certificado. Que é uma coisa*

*que eu tenho a comprovação, uma coisa que eu preciso saber fazer, aliás, eu sei fazer mais eu tinha que ter um certificado para comprovar. Para mim uma grande vantagem, ter o certificado, tanto para o trabalho quanto para provar também que eu sei trabalhar”.O que corrobora o entrevistado de N°3, que nos informou que também “esperava tirar meu certificado. Porque tudo pede certificado, se você vai arrumar um emprego você precisa de certificado, não tem mais aquela de você entrar só com a experiência” .*

O entrevistado de N° 1 nos informou que ficou sabendo por um colega de trabalho, “*ele disse que tinha se inscrito, disse como funcionava o programa, só que ele me informou no penúltimo dia aí no último dia eu vim fazer a inscrição e fui contemplado e consegui continuar aqui e até pegar o certificado”* .

Houve também quem nos informasse a importância não só da busca desse certificado, como afirma o entrevistado de N° 8, que diz: “*Eu esperei mais qualificação profissional, isso que é o significado do CERTIFIC, qualificar as pessoas para o mercado de trabalho”*. Explicando o quanto essas pessoas não só buscavam o certificado, mas também demandavam qualificação e o programa talvez fosse a forma mais rápida de chegar até ela. Existe também a necessidade de ser absorvido pelo mercado de trabalho que demanda além da carteira de trabalho que registra a experiência na área, o certificado para comprovar que essa pessoa buscou e deseja qualificação e atualização para sua profissão, é o que nos traz o entrevistado N° 7: “*Para mim seria bom, né? Porque apesar de eu trabalhar, não ter carteira assinada até o momento, eu achei que era muito importante para mim né ? Para mim chegar e apresentar nas empresas né ? Como eu sou pedreiro, meu perfil né ? Eu achei que fosse uma boa ideia, aí fui em frente, e até o momento para mim é importante”* .

Uma necessidade do trabalhador que buscou a certificação foi o fato de ter o conhecimento e não ter como comprovar, como no caso do entrevistado N°5, que afirma que o que o trouxe ao programa foi “*Para melhorar, aprender mais, e modernizar mais, atualizar, porque as coisas, por exemplo, eu trabalhe há muitos anos em obra mas eu fiquei para trás porque não fui me atualizando, fui ficando para trás, muitas coisas melhoraram então meu objetivo era esse, eu to alcançando, deve ter um dois anos que eu*



*tô no certific, e já aprendi muitas coisas”.* A necessidade de atualização é constante para o trabalhador que precisa se manter no mercado de trabalho. O entrevistado N<sup>o</sup>4: *“Justamente esse tempo de trabalho que eu tenho e isso ao mesmo tempo é bom e ruim porque, eu tenho esse tempo de trabalho mas não tenho como comprovar ele, eu tenho a experiência mas eu não tenho nada que fala que eu sou capaz de fazer isso, então no caso eu precisaria de um certificado para mim poder ficar completo”.*

A busca por se certificar não é só uma necessidade de quem está procurando emprego, ou tentando se firmar onde já trabalha, mas também manutenção desse emprego em que quanto mais qualificado for e mais atualizado estiver poderá se manter na posição atual que ocupa, de acordo com o entrevistado N<sup>o</sup> 2 *“Eu não lembro como eu consegui essa informação. Foi alguém que me avisou, porque eu trabalho esse tempo todo e não tinha um diploma de eletricista. Tenho o curso técnico de eletrônica digital, porque aqui em Brasília quando era adolescente não existia escola para eletricista para nível médio, existia cursinho de seis meses para aprender só a emendar fio, isso não me interessava. Porque eu com quatorze anos comecei a ganhar dinheiro com isso por minha conta, eu com quatorze anos já chegava e tinha que resolver as coisas e tinha gente que nem queria que eu entrasse porque tinha cara de menino, então precisava do certificado só para concluir meu ego, uma coisa assim, porque todo mundo que trabalhou comigo foi para a escola e tirou diploma de eletricista ou técnico, alguma coisa assim e eu não tinha nada só o curso técnico em eletrônica, eu precisava porque já chegou uma época quando era mais novo perdi o emprego porque não tinha o diploma, tinha diploma de eletrônica, mas precisa era de eletricista. Você não serve. Eu fiz mais só para concluir porque para aprender mesmo eu não aprendi nada dentro da minha profissão, porque para mim não tinha nenhuma novidade”.*

Nessa área de atuação da construção civil percebemos que o trabalho informal é grande, a inserção geralmente é na adolescência aprendendo com o pai, o tio, alguém próximo que ensina o ofício. Inicialmente não se busca uma escola, um curso para aprender e sim um contato mais próximo para arrumar a primeira atividade laboral.

Nesse momento procuramos levantar o que foi mais significativo durante as várias etapas do CERTIFIC para o trabalhador. Percebemos aqui a necessidade de exaltar seus

próprios conhecimentos, como forma de se valorizar, percebemos também uma profunda vontade de ser aceito em seu meio.

Nesse questionamento houve uma série de descrições do fazer do trabalho como, por exemplo, o entrevistado N°8: *“A gente “passou” várias etapas, fizemos a prova prática, instalação elétrica, fizemos leitura de projetos uma parte, fizemos trabalho em grupo, várias atividades”*. Como também o entrevistado N°1 que descreve a atividade: *“Avaliaram meus conhecimentos de parte elétrica, leitura de projetos elétricos, instalação elétrica, alguns tipos de instalação, ligação de chuveiro...”*. O entrevistado N°7 descreve a atividade feita em um dos momentos do programa: *“Lembro de várias. Por exemplo: que a gente não trabalha com “vega”, “contra vega”, e já nas empresas trabalha né? Com essas firmas grandes, a gente aprendeu por exemplo: muitas vezes a gente trabalha para essas pessoas aí o traço, eles pedem assim : eu quero um traço de concreto, eu quero três de areia e cimento e um e meio de brita, mas como eu aprendi lá que tem que ser dois por dois e é aquilo mesmo e acabou. É dois de areia, dois de cimento e um de brita e mais nada. Isso aí para mim foi importante também. Conhecimento...”*.

Nesse momento percebemos uma atenção especial aos trabalhos em grupo, alguns informaram que raramente trabalham nessa perspectiva, pois geralmente é ele e um ajudante e o programa em suas várias etapas solicitou de seus participantes que resolvessem problemas em grupo como por exemplo a fala do entrevistado N°7: *“Olha, trabalho em conjunto, aprendi muitas coisas é principalmente em conjunto. Trabalhar juntamente com os amigos, porque geralmente eu pego a obra é só eu e um ajudante, né? Aí teve mais foi o trabalho em conjunto, fazendo isso e isso. Para mim foi importante.”* Quem trás essa lembrança também é o entrevistado N°6: *“Atividade em grupo, mesmo a gente fez locação e organização também a gente realizou em grupo, eu to me lembrando bem disso.”*

...os processos de educação profissional no desenvolvimento de competências comportamentais, que supostamente seriam transversais a todas as ocupações, tais como trabalhar em equipe, ter iniciativa, comunicar-se

adequadamente, estudar permanentemente, e assim sucessivamente; veja que não está falando de conhecimentos transversais, mas de comportamentos transversais (KUENZER,2013).

Nessa discussão levantou-se também a questão da timidez; o entrevistado N<sup>o</sup>5 afirmou que trabalhar em grupo lhe fez quebrar um pouco a timidez, *“O que mais me chamou atenção foi, é porque eu aprendi um pouco, eu sou meio tímido, sou bastante tímido, e devido voltar à sala de aula, que é praticamente uma sala de aula, conversar com as pessoas, a gente vai desenvolvendo mais, aprendi um pouquinho disso, e mais eu fiz amizade, conheci muita gente, eu fiz varias etapas na obra da L2, então aprendi muita coisa, vivendo e aprendendo, né? Muito bom.”* Trazendo o trabalho como meio de socialização e pertencimento a um espaço, conforme afirma Ramos (2006):

O homem produz sua existência por meio do trabalho e, por meio deste, entra em contato com a natureza e com outros homens, desenvolvendo relações econômicas e sociais (RAMOS, 2006)

O entrevistado de N<sup>o</sup>2 trouxe um discurso interessante: *“Que eu lembro, colocaram a gente em uma obra, em canteiro de obra e pediu só alguns detalhes tipo para ler o projeto, como executar, marcar, e aparelhagem de eletrônica se eu sei usar essas coisas e não tive dificuldade nenhuma tanto é que o rapaz me liberou rápido e ficou mais com a turma”*. A heterogeneidade da turma, o fato dos participantes estarem em níveis de conhecimentos diferentes é uma situação importante pois em vários momentos os próprios alunos eram também professores. Ensinavam suas técnicas. Isso trazia importância ao seu saber e os outros ouviam percebendo as várias técnicas ali envolvidas e as várias formas de se fazer o trabalho.

Na tabela abaixo (extraída do Relatório Nacional PISA 2009) exibimos uma visão mais global do que é essa heterogenidade no que se refere a Educação formal dos brasileiros.

**Dados de Fluxo Escolar – Ingresso e Repetência – e Distribuição dos Estudantes Amostrados no PISA 2009, segundo informações prestadas pelos Próprios Estudantes**

	Média de Idade de Ingresso	Estudantes que Repetiram um ou mais Anos (%)	Segundo Ciclo do Fundamental (%) ICED 2	Ensino Médio (%) ICED 3
Coréia	6,0	0,0	4	96
Finlândia	6,7	2,8	100	0
Estados Unidos	5,9	14,2	11	89
Portugal	6,0	35,0	44	56
Espanha	5,9	35,3	100	0
Chile	6,0	23,4	5	95
Uruguai	5,9	38,0	39	61
México	6,2	21,5	44	56
Colombia	6,0	33,9	37	63
<b>Brasil</b>	<b>7,4</b>	<b>40,1</b>	<b>25</b>	<b>75</b>
Argentina	6,0	33,8	39	61
Panamá	5,7	31,8	44	56
Peru	6,0	28,1	30	70

Fonte: OCDE, INEP, 2010.

Tabela 2. (PISA, 2009)

O dado talvez mais importante nessa tabela é a quantidade de alunos que repetiram um ou mais anos. No Brasil essa taxa é de 40,1%, quase a metade dos brasileiros. Se compararmos com outros países como a Coreia ou a Finlândia percebemos o quanto estamos distantes de atingir um percentual aceitável ou mais homogêneo.

Para o Programa CERTIFIC a exigência é de Ensino Fundamental Completo, percebemos através da tabela que apenas 25% dos brasileiros chegam nessa etapa, o que dificulta ainda mais a certificação dessas pessoas, pois o nosso público não tem a Educação Básica.

O fato é que lidamos com pessoas de vários níveis de conhecimento sobre vários aspectos e a Educação Básica é só uma delas. Os indicadores são importantes e direcionam para uma ação mais eficaz na tentativa de melhorar esses índices e poder não só oportunizar que essas pessoas tenham acesso a Educação Básica como poder qualificá-las para o mundo do trabalho, mas que independente da Educação formal esses trabalhadores tem muito conhecimento em seu fazer laboral e com a possibilidade de

poder agrupar tanto a educação formal quanto o conhecimento técnico e certificar esse trabalhador é uma resposta aos anseios dessa população que busca significado na escola em sua vida.

Ainda o entrevistado de N°2 nos trouxe uma informação importante, quando perguntamos se ele sabia fazer leitura de projetos (o ponto nevrálgico da certificação, tanto que foi feito um curso FIC – Formação Inicial e Continuada, para que pudesse solucionar essa dificuldade, visto que a maioria tinha essa dificuldade) ele nos respondeu: *“Sim. A parte elétrica eu só não resolvo agora porque eu tô cansado, queria fugir um pouco disso tanto é que depois disso daí eu comecei o curso de edificações pra variar um pouquinho, mas pode ser que tem vinte anos que não faço, só vou levar um tempinho para equilibrar mais não tem dificuldade não”*.

Ele afirma que sabe, mas tem muito tempo que não trabalha com isso e que está cansado da área tanto que está fazendo curso de edificações, mas se ele precisar novamente é só recordar um pouco que logo ele assimila novamente. Esse é mais uma situação abordada: o tempo afastado de atualização, qualificação. Isso nos leva a crer que não necessariamente o trabalhador não sabe, é questão do uso que ele faz do conhecimento no trabalho. Se é pouco utilizado tende a não ser lembrado com facilidade.

Para além da técnica em si, o programa chamou atenção para o que envolve um trabalho com acabamento, limpeza, organização, o que segundo os trabalhadores mostra que ele é profissional. O entrevistado N°3 nos mostra essa situação com sua fala: *“por exemplo, na L2 nós fizemos a medição de como colocar o “desinteto”, como colocar um quadro, uma coisa que eu não tinha era montar um quadro e fazer a limpeza do quadro, eu não tinha essa noção e mexer um pouco mais com multímetro, essas coisas assim.”*

Perguntamos também a respeito dos objetivos pessoais dentro do programa, se atingiram ou não o que buscavam. Os que haviam conseguido o atestado afirmaram que falta o certificado para completar os objetivos, como os entrevistados de N°8, que diz: *“Não consegui porque, porque teria que pegar o certificado e não consegui atingir”*. Por falta de escolaridade necessária como o entrevistado de N°6: *“Com certeza, menos o ensino que eu não tenho, o fundamental que eu não tinha”*, como também aqueles que

ficaram com pendências a respeito da parte prática como o entrevistado N<sup>o</sup>4: *“Ainda não. Falta pegar o certificado. Eu fiquei com algumas pendências, no meu atestado só constava o grau de escolaridade”*. Percebemos aí o entrave que a educação formal representa ao acesso ao conhecimento que essas pessoas têm. No perfil de pedreiro o grau de escolaridade é baixo e na conversa com eles percebemos que a inserção no mercado de trabalho se deu bem jovem em busca de complementação de renda dentro de casa e isso os afastou da escola. Mas com o tempo perceberam a necessidade da educação formal para se firmarem como profissionais, para serem aceitos, para conversarem de igual para igual com seus contratantes.

Talvez a solução aqui fosse a criação do PROEJA-FIC dentro da escola, um curso onde o trabalhador pudesse fazer a Educação Básica integrada a Educação Técnica, e com isso cumprir com as duas etapas dentro do Programa.

Kuenzer (2003) nos mostra que *“É a prática que determina ao homem o que é necessário, e o que ele deve conhecer para atender a estas finalidades, bem como quais são as suas prioridades no processo de conhecer”*. Para que ele possa por livre vontade e necessidade buscar o conhecimento que lhe é importante, que tem significado e que lhe auxilie na problemática que envolve seu trabalho.

Para algumas pessoas o percurso teve novos significados que não somente o certificado como, por exemplo, o entrevistado de N<sup>o</sup>1: *“Encontrei muito mais, porque eu vim querendo uma coisa e encontrei outras, então eu tive mais conhecimento e eu não fiquei parado só em um, eu busquei mais, pra mim foi onde começou tudo ate então eu não tinha expectativa de dar continuidade, foi através desse programa que tinha necessidade de eu não ficar parado para o mercado de trabalho, quanto mais conhecimento melhor”*. Durante o processo perceberam a necessidade de aprender, de se atualizar, de não ficar parado no que se refere ao conhecimento.

O entrevistado N<sup>o</sup>7 nos traz essa informação também: *“Sempre é como aquele dizer: é vivendo e aprendendo, né? Eu sei muito mas eu assento porcelanato, assento cerâmica, reboco, faz, como se dizer na obra a gente faz tudo, porque as vezes a gente pega uma casa, a gente entrega ela prontinha, menos a elétrica que eu não sou eletricitista, não faço, mas o mais, a parte de carpintaria, isso aí tudo eu faço. A carpintaria e a ferragem,*

*armador, a parte de encanador tudo eu faço*”. E acrescenta seu saber do dia-a-dia em uma fala cheia de significados, quando nos diz que em uma casa ele faz tudo da parte de pedreiro, pois ele sabe, mas que durante a vida ele continua aprendendo. O entrevistado N°5 também expressa seu pensamento: *“Alcancei muita coisa e quero alcançar muito mais, se for possível. Muita coisa eu aprendi e quero aprender mais”*. A necessidade de aprendizado é perceptível entre eles. Percebemos nas entrevistas que buscavam sim a certificação, mas que também encontraram conhecimento, amizade, um contato com a escola que até então não tinham experimentado. Um contato da valorização do saber constituído. A importância do seu saber em um local de educação formal. Acreditamos que esse contato foi fundamental para sua autoestima como profissionais.

Como afirma Silva e Rodrigues (2012), “o que constitui a história de vida pessoal e social do trabalhador, que são suas especificidades (política, econômica, social, cultural e afetiva)”, em seu texto mostrando o quão complexo é ser humano na situação de trabalho e o quanto sua vida dentro e fora do trabalho interfere na ação do trabalho.

O certificado para essas pessoas traz a demarcação de um lugar que para eles é de extrema necessidade, pois em suas falas percebemos a valorização que dão a escola e percebemos também o quanto a sociedade pressiona a comprovação de conhecimento mediante o certificado, como afirma o entrevistado N°2: *“Eu atingi, pois o meu objetivo era só ter o documento para dizer o que eu era, o que eu já sabia, só para o caso de ter que dizer que estudei em tal lugar e tenho um diploma e tudo, a formalização, porque a maioria dos eletricitistas que tem por aí são pessoas que aprendem sem leitura, sem estudo, sabe emendar fio, sabe ligar as coisas, mas não sabe o que é corrente elétrica, tensão, potência, não quer ler, só quer emendar fio, então isso para mim não é eletricitista”*. Mas que também não deixam de ressaltar a importância do conhecimento adquirido e não só do papel que comprove seu saber. O entrevistado N°3 corrobora seu colega dizendo: *“Encontrei. Só falta o certificado. Eu encontrei, mas, por exemplo, no meu serviço hoje eu trabalho de apoio em uma casa noturna e eu sei agora quantas lâmpadas eu tenho que colocar em uma tomada, antigamente eu ia mais na prática, hoje em dia eu já faço até cálculo então eu hoje em dia tô mais esperto posso dizer assim”*.

Os objetivos dessas pessoas foram alcançados e superados quando

compreendemos que eles aprenderam muito mais do que esperavam, trouxeram novas significâncias ao seu trabalho, ao seu fazer.

Para além dos objetivos que cada um buscou no projeto tem o trabalho em si, as modificações que talvez o programa tenha feito no trabalho dessas pessoas, a aquisição de novos conhecimentos.

Chegamos a um ponto que talvez seja o mais relevante em nossas entrevistas que é saber se o CERTIFIC mudou ou acrescentou algo ao trabalho, se o programa o ensejou a olhar com outros olhos o seu trabalho, se houve a promoção desejada, se passou a ser visto diferente em seu trabalho por agora ter um certificado.

O entrevistado de N<sup>o</sup>7 informa que o certificado serviu de comprovação visto não ter carteira assinada, ou seja, trabalha na informalidade: *“Com certeza. Principalmente porque ele é um comprovante. Como eu não tenho carteira assinada onde eu chego apresento ele a pessoa pergunta: você é pedreiro mesmo? Aí eu já mostro aqui meus “perfil” que eu aprendi e sei fazer”*. O certificado agora é um “passaporte” para o acesso a novos trabalhos em que antes não havia comprovação da sua atividade laboral.

Tiveram também aqueles que não perceberam mudança em sua posição no trabalho, mas o programa permitiu novos conhecimentos, como o entrevistado N<sup>o</sup>6: *“Pra mim, na empresa não mudou nada, porque o que eu tinha, o certificado, entreguei lá e fiquei no mesmo que eu tava, para a empresa parece que para ela foi uma coisa que não existiu. Não acreditou nisso”*. Ele ainda diz: *“No investimento ficou o mesmo, mas na qualidade do serviço melhorou, pois onde eu tinha dúvida e aprendi muito, mais um pouco, pois sempre trabalhava, nunca tinha feito curso então me ajudou muito. Tirei muitas dúvidas de planta, na obra onde eu tinha dúvida em alguma coisa, isso me ajudou muito”*.

Para alguns foi a porta para um novo emprego como o entrevistado de N<sup>o</sup>4: *“Acréscitou e modificou, porque nesse caso, mesmo com o atestado eu consegui entrar em uma empresa como profissional da área, me adiantou bastante. O curso foi muito bom, a gente aprendeu várias coisas, a gente não só veio mostrar como a gente também*



*aprendeu varias coisas e o convívio entre as outras pessoas, muito importante também, foi interessante o curso”.*

Mas no quesito modificação percebemos nas falas que o programa acrescentou de forma significativa ao fazer do trabalhador como afirma o entrevistado N°8: *“Consegui sim, pois tem muito tempo que trabalho na área da construção e tinha as coisas que eu ainda tinha dúvida a respeito da minha profissão e eu consegui “estabilizar” mais alguma coisa”.*

Como já foi dito também, a preocupação com o fazer, o acabamento, a profissionalização foram quesitos aprimorados, como informa o entrevistado de N°5: *“algumas coisinhas eu fui pegando, na parte da limpeza nas minhas obras, melhorei mais, é porque normalmente eu trabalho com um ou dois ajudantes aí eu peguei muita coisa do ensino, aí hoje eu sou um pouquinho mais exigente, e ensino não gritando, mas procuro passar para eles algumas coisas que eu aprendi eu passo para eles”.* Nessa fala percebemos que o conhecimento transcende os muros da escola, o aluno se torna também professor, o conhecimento é disseminado, aquele que era chefe muda sua postura diante de seus funcionários.

O fazer é modificado com o acesso à informação como o entrevistado N°3 nos informa: *“Antigamente se eu fosse colocar, não sei se você sabe o que é “setlite”, é luz decorativa, e são luzes fortes, tem de 1000w, 150w, de 500w, então se você colocar por exemplo uma tomada de 25 ampere e você colocar umas sete setlite em uma tomada o disjuntor vai cair. Então hoje eu já faço cálculo de quantos setlite eu posso colocar naquela tomada e no disjuntor, vê se tem outras coisas mais ligadas naquele disjuntor”.* O cálculo agora já não é um “bicho de sete cabeças”.

O cuidado com o trabalho e a responsabilidade é colocado na discussão segundo o entrevistado N°3: *“Eu acho que trouxe. Antigamente eu fazia as coisas, não pensava no perigo, relacionada ao que eu falei anteriormente, hoje em dia se eu colocar uma coisa a mais na tomada os fios podem derreter e pode ocasionar como é mesmo o nome? Santa Maria, né? O incêndio, não como o de santa Maria, pois, claro, foi fogos demais, por exemplo, se você colocar tomada alguma coisa que ela não agüenta, os fios não*

*agüentam , não são apropriados para isso, pode ocasionar um incêndio. E o negócio pode ser sério”.* A apropriação do conhecimento eleva o nível de cobrança por um serviço bem feito e isso repercute na contratação desse trabalhador.

Entre os que frequentaram o programa temos aqueles que mudaram de emprego, e para além disso, conseguem ver uma melhora no seu fazer muito mais consciente e participativo, como o entrevistado de N<sup>o</sup>1: *“O conhecimento, você faz uma coisa meio mecânica você faz porque você viu alguém fazendo e vai saber fazer é uma coisa, já quando você tem o conhecimento e sabe porque está fazendo já é bem diferente, porque você tem a certeza do que você está fazendo. Então você já tem essa noção. O certificar me ajudou muito nessa área, com o interesse em aprender mais; eu procurei novos cursos e então fui só graduando. Fiquei mais consciente e consegui um emprego melhor, já saí de um e fui para outro e fiquei praticamente só quinze dias desempregado”.* O programa o levou a procurar novos cursos, se aprofundar no conhecimento.

Mas existiram também aqueles que não perceberam nenhum ganho de conhecimento com o programa, foram somente em busca do Certificado, como por exemplo, o entrevistado N<sup>o</sup>2, que mesmo questionado se não houve nada de novo no programa ele respondeu: *“Não aprendi nada. A única coisa que eu soube não foi pelo certificar, foi a norma brasileira que saiu agora que fizeram a norma com objetivo, foi a única novidade. Tanto é que já até participei de curso de atualização que nem é novidade pois é sobre segurança que nós, os velhos, já sabemos disso”.*

De acordo com Silva & Rodrigues (2012), *“... os estudos buscam se materializar a partir da prática social dos sujeitos, que se balizam no cotidiano de suas vivências; em outras palavras, que tomam a teoria como resultado de práticas sociais”.*

Ainda o mesmo entrevistado nos informa que além de um novo trabalho ele também é referencia em seu ambiente *“No novo trabalho que estou agora, me tem como ponto de referência, se tem alguma coisa lá que eles não conseguem resolver sozinhos, geralmente eles me chamam para auxiliar eles, qualquer sistema da parte de instalação elétrica ou de comandos elétricos”.*

Existe também o acesso e a facilitação das novas tecnologias ampliando o atendimento que esse trabalhador faz ao seu cliente em potencial, como diz o entrevistado de N<sup>o</sup>2: *“Sim, por exemplo, porque lá tem muitos projetos em AutoCAD então volta e meia a necessidade de passar e-mail para clientes sobre um apartamento ou sobre um determinado ambiente e não são todos que sabem mexer em AutoCAD lá, então o gerente sabe mas não tem a noção de passar a informação para o cliente de forma que ele possa ler em qualquer computador, no caso passar de AutoCAD para PDF para plotar, eu tenho mais facilidade nessa área, então geralmente quando tem essa solicitação de algum projeto ou planta específica ele identifica e pede que eu plote e mande por e-mail para determinado cliente”*.

Quando perguntados a respeito da importância na certificação para o trabalhador todos alegaram ser muito importante o certificado, alguns trouxeram a importância no mundo do trabalho, como o entrevistado n<sup>o</sup>6: *“É muito grande. Porque hoje em dia as empresas tão pedindo pessoas qualificadas, com qualificação, e para quem não tem as coisas ficam mais difíceis. As grandes empresas pedem pessoas com mais qualificação, com certificado, com um curso, e aí eu acho isso uma grande vantagem”*. O entrevistado de n<sup>o</sup>1 afirma: *“Muitas empresas hoje em dia não contratam só pela experiência do trabalhador, eles exigem algum grau de conhecimento que possa comprovar, até para trazer mais responsabilidade. Então o certificado é importante nessa área, você pode responder por seus atos, você sabe o que tá fazendo”*. O entrevistado n<sup>o</sup>8 confirma: *“Tão cobrando, as empresas hoje em dia estão tudo cobrando certificado para você entrar na empresa. Tem empresa que se você não tiver um certificado não consegue mais, mesmo você sendo um profissional não consegue entrar sem o certificado. É muito importante”*. O entrevistado n<sup>o</sup> 5 fala da necessidade do documento: *“É muito boa. Você vai enriquecer o currículo. Você ter um certificado, um boletim escolar, sei lá, a conclusão de um curso, só tem a enriquecer na área profissional. As duas coisas. Abre portas e para mim pessoalmente”*.

Outros atrelaram ao fato de comprovar a qualificação dele, de mostrar que sabe como o entrevistado de n<sup>o</sup>8: *“Eu sinto a importância que você tá mais garantido no seu emprego porque você tá qualificado, tá com certificado então você tem mais segurança,*

*acho que sim*". O entrevistado de N<sup>o</sup>4 traz essa importância também quando diz: *"É muito importante. Mudou muito na empresa a consideração e a confiança do profissional que eu sou da minha área, então esse CERTIFIC para mim foi muito importante nessa parte também, eu sou reconhecido como eletricista"*.

O entrevistado n<sup>o</sup>1 vai além da certificação, ele fala sobre a importância de estudar, de se atualizar e de esse conhecimento pode manter a valorização da profissão que segundo ele por falta de qualificação a profissão está desvalorizada *"É fundamental porque para tirar vai ter que estudar, e o que ta precisando dessa turma é estudar porque de anos para cá eu tenho visto que minha profissão foi muito desvalorizada, por falta de estudo do próprio profissional, há ele é eletricista, é tipo assim um analfabeto. E tratando as pessoas desse jeito principalmente as pessoas que estudam um pouquinho mais, mestrado, doutorado acha que é o cara e diz há é só um eletricista, me deixa chateado isso"*. E de mostrar qualidade, como o entrevistado n<sup>o</sup>7: *"Ele é muito importante porque é que nem eu já falei, na verdade a gente tem que ter qualidade no trabalho e ele é uma qualidade. É um objetivo que a gente buscou e vamo a frente até o possível"*.

O que corrobora as palavras de Silva & Rodrigues (2012), que afirma:

Esse reconhecimento que se busca não pode ser colocado como patrimônio de pequenos grupos intelectualizados da sociedade; pelo contrário, sua efetivação só tem sentido se for posta como um processo educativo que ocorra de forma coletiva, que faça com que os trabalhadores se apropriem de um processo formativo que lhes dê instrumental para reconhecer o nível de exploração a que são submetidos e assim estejam preparados para lutar contra o estabelecimento do *status quo* (SILVA & RODRIGUES, 2012).

Existe também a necessidade de atender uma questão pessoal de aceitação pela sociedade que supervaloriza o diploma e esse trabalhador só será bom se tiver passado por um sistema formal de ensino, como é o caso do entrevistado de n<sup>o</sup>4: *"É uma coisa importante no "meio trabalhístico", e para mim é um orgulho, poder mostrar para o meu*

*filho que eu sou eletricitista e tenho como comprovar, mas para mim é muito gratificante”.* E do entrevistado nº 3 *“Se o cara não tem capacidade ele vai sair, os professores vão saber, então não vai dar o certificado para ele. Então realmente é para capacitar, antigamente eu não sabia o que era um diploma, e hoje eu já sei, um diploma é para você saber se você tem capacidade para essa coisa”.*

Nesse momento deixamos livre para que o entrevistado pudesse dizer algo a respeito do programa, como uma síntese da importância, das ações, do momento que estavam inseridos no programa. Percebemos muita esperança nas falas, como por exemplo o entrevistado de nº8: *“Eu acho que foi muito bom o programa e eu espero coisas melhores para a frente para mim no meu caso”.* E o entrevistado de nº6: *“ Eu tô gostando, mas eu queria tá gostando mais, se depois disso eu pudesse fazer no ensino fundamental eu podia fazer um curso para encarregado, com certificado também. Um curso para encarregado”.*

Que veio acompanhada também de cobranças, das necessidades da população como informa o entrevistado de nº2: *“O certificar é para quem já está na profissão, então atingiu-se o objetivo. Mas esse não é o caminho para minha profissão desenvolver, isso foi só uma forcinha que eles deram para não desvalorizar tanto a gente, agora o que precisa, aqui em Brasília não tem escola técnica em eletricidade, tem cursinho de aprender a ser eletricitista predial, isso não é curso técnico, por correspondência eu faço isso, precisava de uma escola técnica, vamos tirar o segundo grau e vamos estudar só parte elétrica. Mas não, eles acham eletrônica mais bonita, robótica mais bonita, essas coisas de eletricidade não dão carta; informática, tudo tem nível técnico, tem até curso de tecnologia mas na área de eletricitista não tem, porque tá desvalorizado, então o certificar concluiu seu objetivo. Mas se nós fôssemos pensar em melhorar temos que abrir escola técnica”.*

E reclamações do processo como informa o entrevistado de nº1: *“Achei o período muito longo entre um encontro e outro, foram quase dois anos, mas eles informaram que a dificuldade era por ser o primeiro certificar, eles tinham muita dificuldade em agrupar todo pessoal, teve colegas que não sei porque desistiram no meio do caminho, porque*

*começaram com mais de 200 e formaram 30 ou 40 aproximadamente; seria bom fazer mais vezes esses programas nessa área”*

Diante das falas percebemos o quanto o programa foi significativo na vida dessas pessoas, que os números não expressam a relevância real do programa, pois para entendermos melhor é necessário conversar com os interessados, saber que o certificado, apesar de ser somente uma formalização do saber deles é também carregado de toda simbologia social que faz com que a pessoa pertença ao mundo em que vive, que tenha seu espaço não só na sociedade, no trabalho, mas também dentro do seio familiar como uma pessoa vitoriosa.

Deluiz (2011) nos mostra a importância da adequação da escola como espaço de aprendizagem e desenvolvimento de tecnologias que auxiliem os trabalhadores

Os espaços formativos deveriam, em igual forma, constituir-se como “organizações qualificadoras”, propiciando aos educandos condições de participação, de diálogo, de negociação e de intervenção, o que implicaria mudanças nos métodos de ensino e nas estratégias pedagógicas, além de uma redefinição do papel dos docentes (DELUIZ, 2001).

A escola tem esse poder de mudança, de transformação social, de elevação social, talvez por isso seja tão cobrada por resultados que não devem nem de longe ser imediatistas, mas, - na vida dessas pessoas que já são adultas dentro do mundo do trabalho - ser rápidas e eficazes atendendo às demandas particulares sem deixar o olhar do social e comunitário.

## Considerações Finais

Percebemos ao longo da pesquisa que o programa foi procurado por pessoas que sentiram a necessidade de ter um certificado para comprovar sua função, para crescimento profissional, para reinserção no mercado de trabalho e também para responder aos anseios internos de ter um certificado que lhe confira formalmente uma profissão.

No que concernem as ações, o Programa, além de atender a expectativa da certificação, também proporcionou aos trabalhadores a oportunidade de aprender novas técnicas e conhecimentos para melhorar seu campo de atuação e perspectivas.

Em relação aos objetivos de cada participante, houve, de maneira geral, um atendimento, mas houve aqueles que não conseguiram se certificar, seja por falta de alguma competência específica do perfil ou por não ter a escolaridade mínima necessária.

A respeito da modificação no trabalho, os relatos foram impressionantes no sentido de demonstrar o quanto uma ação bem articulada pode fazer por um trabalhador. As mudanças não só foram externas mas também internas. As mudanças externas foram desde um novo emprego a uma promoção. Relatos de inserção rápida no mercado de trabalho. Responsabilização em relação ao serviço prestado, cuidado no fazer das tarefas laborais. E as internas deram-se no sentido do convívio em grupo, na aceitação, no crescimento em relação às suas percepções como trabalhador.

A certificação, embora sendo o objetivo principal, não é o único, pois percebemos nas falas uma esperança de melhora de vida, de mudança em seu trabalho; e, ainda que os números não tenham sido tão expressivos, foram recheados de significados na vida dessas pessoas e a isso este trabalho efetivamente nos remete: o olhar dessas pessoas a respeito das políticas públicas envolvidas na qualificação e certificação desses trabalhadores.

Concluimos que a indicação para a cota dos alunos do programa ao Curso Técnico Subsequente em Edificações foi prejudicada, pois a maioria dos pedreiros não possuíam o ensino médio, persistindo aí uma lacuna, pois não foi feita uma articulação com a

Secretaria de Educação local e não houve também nenhuma turma na modalidade PROEJA/FIC, até o momento, para atendimento dessas pessoas, o que seria muito importante pois em nossa pesquisa percebemos que a grande maioria não tem a Educação básica e sem essa articulação não há como alcançar resultados mais significativos no que diz respeito a certificação.

Esta pesquisa trouxe para nós uma surpresa agradável das falas de nossos entrevistados que permite uma leitura de mundo significativa no que diz respeito ao trabalho. A vivência do trabalho para essas pessoas é a oportunidade de pertencer ao mundo de forma atuante e produtiva e que seu trabalho é muito importante, apesar de muitas vezes invisível para nossa sociedade, que supervaloriza as profissões ditas “mais importantes”, mais visíveis, mais bem aceitas e com salários melhores. Essas pessoas têm uma necessidade latente em serem vistas e fazerem parte das políticas públicas de atendimento ao mundo do trabalho e não só uma política passageira de atendimento a uma demanda emergente por causa de grandes eventos e momento ideal de grandes empreendimentos tendo em vista um momento econômico favorável. Isso faz com que seja frágil, efêmero esse aprendizado e não realmente consolidado como profissão importante dentro de nossa sociedade.

Diante dos fatos concluímos que o programa atende ao que se destina, mas carece de um maior comprometimento do Estado no sentido de transformá-la em política pública destinada ao atendimento de trabalhadores, não só com o objetivo de certificar, mas também qualificar, aproveitando os conhecimentos adquiridos ao longo da vida profissional do trabalhador, garantindo-lhe a significância no aprendizado.

Tendo em vista os resultados da pesquisa no que concerne a dificuldade do trabalhador aluno em concluir a educação básica sugerimos uma adaptação do programa criando uma turma semi-presencial integrada a formação profissional no próprio Instituto para atendimento dessa demanda. Isso talvez pudesse ajudar o aluno que não tem tempo para frequentar as aulas presenciais da Educação de Jovens e Adultos da Secretária de Educação do Distrito Federal e talvez aumentar o número de pessoas certificadas.



Esse aluno teria que frequentar um curso onde pudesse entrar e sair dele sempre que fosse necessário, talvez com certificações intermediárias para que esse trabalhador aluno pudesse ir galgando degraus importantes em sua formação e ainda assim poder estar livre para trilhar seu itinerário formativo.

Sugerimos também, um treinamento mais efetivo dos docentes e técnicos que atuarão no Programa com produção do material didático e de avaliação nesse treinamento, no intuito de fornecer ferramentas mais adequadas e embasar melhor o profissional que atuará no Programa.

A dedicação do professor e servidor que participar do programa precisa ser reconhecida para uma melhor atuação desses profissionais. Talvez um horário especial de trabalho pudesse atender no sentido desse profissional poder se dedicar melhor ao Programa.

A visão da instituição a respeito do Programa também é importante, pois é necessário que quem se dedique a ele entenda a seriedade com que o CERTIFIC é tratado dentro do IFB como ferramenta de atendimento de uma população que carece de políticas públicas de qualificação e certificação e que é missão da instituição atender.

## Anexo 1



MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



**REDE CERTIFIC  
REDE NACIONAL DE CERTIFICAÇÃO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO  
INICIAL E CONTINUADA**

**MEMORIAL DESCRITIVO DE SABERES SOCIOPROFISSIONAIS**

**Nome do Candidato:** xxxxxxxxxxxxxxxx

**foto**

**Campus:** Samambaia

**Perfil:** Eletricista

**1. INFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS.**

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx, nascido em xxxxxxxx, casado, candidato do sexo masculino, natural de xxxxxxx, portador do RG nº xxxxxxx SSP/xxxx e CPF nº xxxxxxx. Tem 1 (um) filho. Possui o ensino fundamental incompleto, tendo cursado até a 6ª série no ano de 2000 na Escola xxxxxxx, em xxxxxxx. Atualmente trabalha como autônomo. Sua experiência no perfil de eletricista é de aproximadamente 20 anos.

**2. HISTÓRICO PROFISSIONAL**

O candidato começou a trabalhar aos 12 anos como ajudante de eletricista do irmão, trabalhou juntamente com ele por 10 anos, como autônomo, na prestação de serviços e instalações elétricas. Aos 22 anos, veio para Brasília e passou a trabalhar como

*motoboy* e, depois, em rede de autopeças. Quando entrou no Programa Certific, informou que estava cumprindo aviso prévio. Presta serviços esporádicos como eletricitista. Dentre suas necessidades de aprimoramento profissional, apontou que deseja aprender mais sobre comandos elétricos.

### **3. METODOLOGIA DO PROGRAMA CERTIFIC**

O Programa CERTIFIC prevê a avaliação de saberes formais e não formais adquiridos ao longo da vida. A metodologia de avaliação proposta prevê várias etapas.

Inicialmente os trabalhadores relataram, em entrevista, suas experiências escolares e profissionais e suas expectativas quanto ao programa.

A etapa seguinte foi a dinâmica de grupo, que teve como objetivo possibilitar que os candidatos expressassem suas opiniões em grupo e favorecer a compreensão do perfil profissional de eletricitista para que se definisse como ele seria avaliado pelos professores.

Encerradas as dinâmicas, aplicou-se um questionário de avaliação do encontro, segundo o qual cerca de 97% dos candidatos consideraram que: o encontro foi excelente; possibilitou uma compreensão do programa; o perfil profissional foi suficientemente discutido; os materiais didáticos foram adequados e facilitaram o entendimento do tema; os candidatos expressaram e defenderam suas opiniões com clareza durante as discussões.

A etapa de avaliação teórico-prática aconteceu em dois momentos distintos, iniciando com uma avaliação mais teórica, que solicitou aos candidatos: leitura e interpretação de projetos, programação de serviços, dimensionamento de materiais, equipes e equipamentos e reconhecimento de técnicas executivas.

Na sequência os candidatos participaram de avaliações práticas realizadas em uma obra onde demonstraram seus conhecimentos relacionados ao seu perfil profissional.

Foi oferecido ainda um curso preparatório para certificação com 16 horas, sendo 12 horas referentes à leitura e interpretação de projetos e 4 horas referentes a palestras

com os seguintes temas: saúde e segurança no trabalho, economia solidária, empreendedorismo e direito trabalhista.

Todas as etapas do programa foram registradas e resumidas neste memorial. Conforme previsto em edital, o candidato recebe ao final do programa, além do memorial descritivo, o Atestado Profissional ou o Certificado de Eletricista Predial.

O Atestado Profissional é um documento oficial entregue ao candidato que ainda não possui o ensino fundamental completo, requisito mínimo exigido para certificação, ou para o candidato que, embora possua o nível fundamental, apresentou dificuldades em executar algum item avaliado no perfil de eletricista. No verso do Atestado são descritos os itens do perfil de eletricista em que o candidato demonstrou ter domínio.

O Certificado de Eletricista Predial é um documento oficial entregue ao candidato que atende a todos os requisitos exigidos ao perfil de eletricista e possui o nível fundamental completo.

#### **4. PERFIL PROFISSIONAL**

Durante a realização das atividades avaliativas dos saberes relativos ao perfil de **Eletricista Predial** do CERTIFIC, foram avaliados os seguintes itens:

##### **1. Conhecer Características, Componentes e Diagramas de Instalações Elétricas Prediais**

- Sabe as características e especificações de eletrodutos, fios e cabos utilizados em instalações elétricas prediais.
- Sabe as características e especificações de componentes de circuitos elétricos prediais, como disjuntores, interruptores, etc.
- Sabe as características e especificações dos componentes de circuitos de proteção contra descargas atmosféricas.
- Sabe as características e especificações dos componentes de circuitos de aterramento.
- Sabe diagramas unifilares e diagramas multifilares de circuitos de instalações elétricas prediais.

##### **2. Conhecer e Medir as Grandezas Elétricas Alternadas**

- Sabe medir corrente e tensão alternada em circuitos monofásicos e trifásicos.
- Sabe utilizar corretamente multímetros analógicos e digitais.
- Sabe utilizar corretamente o alicate amperímetro.

### **3. Conhecer Circuitos Elétricos Elementares**

- Sabe identificar no projeto as peças da edificação onde serão instalados os circuitos elétricos.
- Sabe identificar os circuitos e componentes e seus locais de instalação, a partir da simbologia empregada no projeto.

### **4. Planejar a Execução do Serviço a Ser Realizado**

- Dimensiona a força de trabalho, tempo, ferramental e material necessários à execução do serviço.
- Escolhe a técnica de execução adequada.
- Conhece as normas de instalações elétricas da Companhia de energia local.

### **5. Executar o Projeto de Instalações Elétricas**

- Utiliza as ferramentas adequadas à execução do serviço.
- Posiciona os componentes e ferramentas adequadamente.
- Passa cabos e fios.
- Identifica cabos e fios.
- Instala os diversos componentes de circuitos elétricos elementares como acionamento de lâmpadas, chuveiros, tomadas de energia, aparelhos de ar condicionado dentre outros.
- Instala os circuitos referentes à rede telefônica e de interfones, conforme especificação do projeto.
- Monta quadro de disjuntores.
- Monta circuitos de aterramento e de proteção contra descargas atmosféricas.
- Energiza os circuitos instalados e verificar seu funcionamento.

### **6. Reparo da Instalação Elétrica**

- Identifica circuitos e/ou componentes elétricos danificados.
- Corrige os defeitos encontrados.

### **7. Agir Segundo as Normas de Segurança do Trabalho**

- Conhece e utiliza os equipamentos de proteção individual adequados ao serviço.
- Emprega técnicas de segurança do trabalho individuais e coletivas.
- Adota posturas comportamentais e corporais de prevenção de acidentes.

### **8. Executar o projeto de instalações elétricas**

- Loca os pontos de força e luz com 100 % de correção em relação ao projeto.
- Marca os locais onde serão assentados os eletrodutos.
- Fixa as caixas e eletrodutos nas formas e ferragens e os protege antes da concretagem.
- Abre os rasgos por onde passarão os eletrodutos nas paredes.

- Assenta caixas e eletrodutos na posição e profundidade corretas.
- Instala corretamente interruptores, tomadas, motores, disjuntores de acordo com os projetos.
- Liga à rede elétrica os circuitos elétricos indicados no projeto elétrico.

## **9. Reparar tomadas, interruptores e substituir componentes de quadros de comando**

- Identifica o componente danificado.
- Identifica o defeito ou causa de mau funcionamento.
- 

Após avaliação, a equipe multidisciplinar verificou que o **Sr. Danilo dos Santos** demonstrou ter domínio dos seguintes itens de avaliação:

### **1. Conhecer Características, Componentes e Diagramas de Instalações Elétricas Prediais**

- Sabe as características e especificações de eletrodutos, fios e cabos utilizados em instalações elétricas prediais.
- Sabe as características e especificações de componentes de circuitos elétricos prediais como disjuntores, interruptores, etc.
- Sabe as características e especificações dos componentes de circuitos de proteção contra descargas atmosféricas.
- Sabe as características e especificações dos componentes de circuitos de aterramento.
- Sabe diagramas unifilares e diagramas multifilares de circuitos de instalações elétricas prediais.

### **3. Conhecer Circuitos Elétricos Elementares**

- Sabe identificar no projeto as peças da edificação onde serão instalados os circuitos elétricos.
- Sabe identificar os circuitos e componentes e seus locais de instalação, a partir da simbologia empregada no projeto.

### **4. Planejar a Execução do Serviço a Ser Realizado**

- Dimensiona a força de trabalho, tempo, ferramental e material necessários à execução do serviço.
- Escolhe a técnica de execução adequada.
- Conhece as normas de instalações elétricas da Companhia de energia local.

### **5. Executar o Projeto de Instalações Elétricas**



- Utiliza as ferramentas adequadas à execução do serviço.
- Posiciona os componentes e ferramentas adequadamente.
- Passa cabos e fios.
- Identifica cabos e fios.
- Instala os diversos componentes de circuitos elétricos elementares como acionamento de lâmpadas, chuveiros, tomadas de energia, aparelhos de ar condicionado dentre outros.
- Instala os circuitos referentes à rede telefônica e de interfones, conforme especificação do projeto.
- Monta quadro de disjuntores.
- Monta circuitos de aterramento e de proteção contra descargas atmosféricas.
- Energiza os circuitos instalados e verificar seu funcionamento.

#### **6. Reparo da Instalação Elétrica**

- Identifica circuitos e/ou componentes elétricos danificados.
- Corrige os defeitos encontrados.

#### **7. Agir Segundo as Normas de Segurança do Trabalho**

- Conhece e utiliza os equipamentos de proteção individual adequados ao serviço.
- Emprega técnicas de segurança do trabalho individuais e coletivas.
- Adota posturas comportamentais e corporais de prevenção de acidentes.

#### **8. Executar o projeto de instalações elétricas**

- Loca os pontos de força e luz com 100 % de correção em relação ao projeto.
- Marca os locais onde serão assentados os eletrodutos.
- Fixa as caixas e eletrodutos nas formas e ferragens e os protege antes da concretagem.
- Abre os rasgos por onde passarão os eletrodutos nas paredes.
- Assenta as caixas e eletrodutos na posição e profundidade corretas.
- Instala corretamente interruptores, tomadas, motores, disjuntores de acordo com os projetos.
- Liga à rede elétrica os circuitos elétricos indicados no projeto elétrico.

#### **9. Reparar tomadas, interruptores e substituir componentes de quadros de comando**

- Identifica o componente danificado.
- Identifica o defeito ou causa de mau funcionamento.
- 

O candidato frequentou ainda o curso preparatório para certificação, com desempenho satisfatório.

#### **5. PARECER FINAL**



# Apendice 1

## Entrevista com o trabalhador aluno

Número do entrevistado	
Formação	Ensino Fundamental ( ) Ensino Médio completo( ) incompleto ( ) Outros ( )
Área	Eletricista Predial ( ) Pedreiro ( ) Encanador ( ) Armador ( )
Já atingiu a certificação?	Sim ( ) Não ( )
À quanto tempo exerce sua profissão?	
O que você esperava do programa?	
Quais ações você desempenhou durante o programa?	
Conseguiu atingir seus objetivos no que diz respeito ao CERTIFIC?	
O CERTIFIC modificou ou acrescentou algo ao seu trabalho? Como?	
Qual a importância você vê na certificação para o trabalhador?	



**REFERENCIAS**

1. <http://portal.mec.gov.br>
2. MEC, SETEC. Org. PEREIRA, L.A.C., COSTA, S. **Orientações para implantação da Rede CERTIFIC**, março de 2010, 96p.
3. \_\_\_\_\_. Lei No 9.394/96, Das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).
4. \_\_\_\_\_. Parecer CNE/CEB 16/99 do Conselho Nacional de Educação
5. \_\_\_\_\_. Lei no 11.892 de 28 de dezembro de 2008
6. \_\_\_\_\_. Portaria Interministerial nº 1.082 de 20 de novembro de 2009 que **cria a Rede Nacional de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada - Rede CERTIFIC**.
7. \_\_\_\_\_. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Institui as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.
8. \_\_\_\_\_. Decreto 5840, de 13 de julho de 2006. **Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA**. 13 de julho de 2006.
9. \_\_\_\_\_. Decreto 5.154, de 23 de julho de 2004. **Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: 23 de julho de 2004.
10. ABRAÃO, J. SZNELWAR, L. SILVINO, A. SARMET, M. PINHO, D. **Introdução à ergonomia: da prática à teoria**. São Paulo: Blucher, 2009.
11. ALMEIDA. E.P. & Pereira. R.S. **Críticas à teoria do capital humano: uma contribuição à análise de políticas públicas em educação**.2004(versão online).
12. BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

13. CARVALHO, O.F. **Educação e formação profissional - trabalho e tempo livre**. Brasília: Plano Editora, 2003.
14. CIAVATTA, M. **A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade**. In: FRIGOTTO, G. CIAVATTA, M. RAMOS, M. Ensino Médio Integrado: concepções e contradições. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
15. DELUIZ, N. **Qualificação, competências e certificação: visão do mundo do trabalho**. In: Ministério da Saúde. Formação: Humanizar cuidados de saúde: uma questão de competência, 2001.
16. DOWBOR, L. et. al . (Orgs.) **‘Globalização e tendências institucionais’**. In: Dowbor, l. et al . Desafios da globalização. Petrópolis: Vozes, 1997.
17. FERREIRA, A. B. H. **Mini-dicionário da língua portuguesa**. 8ed. Curitiba: Positivo, 2010.
18. FREDENHAGEM, S. ; COMETTI, N. N. ; Bonfim, C.J.L ; Araújo, F.D. . **A voz da evasão**. Revista Eixo, v. 1, p. 2-19, 2012
19. FRIGOTTO, G. **Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio**. In: FRIGOTTO, G. CIAVATTA, M. RAMOS, M. Ensino Médio Integrado: concepções e contradições. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
20. FRIGOTTO, G. CIAVATTA, M. RAMOS, M. **A gênese do Decreto n. 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita**. In: FRIGOTTO, G. CIAVATTA, M. RAMOS, M. Ensino Médio Integrado: concepções e contradições. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
21. GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª Ed., São Paulo: Atlas, 2010.
22. KUENZER, A. Z. **Da dualidade assumida à dualidade negada: o discurso da flexibilização justifica a inclusão excludente**. Educ. Soc., Out 2007, vol.28, no.100, p.1153-1178. ISSN 0101-7330

23. \_\_\_\_\_. **Competência como práxis: os dilemas da relação entre teoria e prática na educação dos trabalhadores.** Rio de Janeiro: Boletim Técnico do SENAC, vol.29, nº 1, jan/abril, 2003.
24. MARCONI, M. A. & LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 7ª Ed., São Paulo: Atlas, 2010.
25. MAZINI, E. J. **Considerações sobre a Elaboração de Roteiro para Entrevista Semi-Estruturada** (In) Maria Cristina Marquezine, Maria Amélia Almeida, Sadao Omote (orgs.). Colóquios sobre pesquisa em educação especial. Londrina: Eduael, 2003. P 11-25.
26. MAZINI, E. J. **Entrevista Semi-Estruturada: Análise de objetivos e de roteiros.** UNESP, Marília, 2004.
27. MORAES C. S. V.& NETOS.L. **Educação, formação profissional e certificação: considerações sobre uma Política pública de certificação profissional.** Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1435-1469, Set./Dez. 2005
28. PEREZ, J.R.R. **Por que pesquisar implementação de políticas educacionais atualmente?** Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 113, p. 1179-1193, out.-dez. 2010
29. RAMOS, M. **Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado.** . In: FRIGOTTO, G. CIAVATTA, M. RAMOS, M. Ensino Médio Integrado: concepções e contradições. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
30. ROCHA, A. M.G **Escola e trabalho: análise da percepção dos professores sobre as implicações das mudanças do mundo do trabalho na prática docente.**UNB, 2006.
31. SCHWARTZ, Y. DURRIVE, L. (org.) **Trabalho e Ergologia: conversas sobre atividade humana.** Coord. Da tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde, 2 ed. , Niterói, 2010.

32. SHULTZ, T.W. **O valor econômico da educação.**RJ: Zahar, 2ª Ed., 1972.
33. SILVA, G.P., RODRIGUES, D.S. **Trabalho e Educação. O desafio para a construção de uma política em rede para a formação de trabalhadores.** Trabalho e Educação, Belo Horizonte, v.21, n.1, p. 153-164, jan./abr.2012.